

Universidades Lusíada

Frederico, Cláudia Margarida Martins

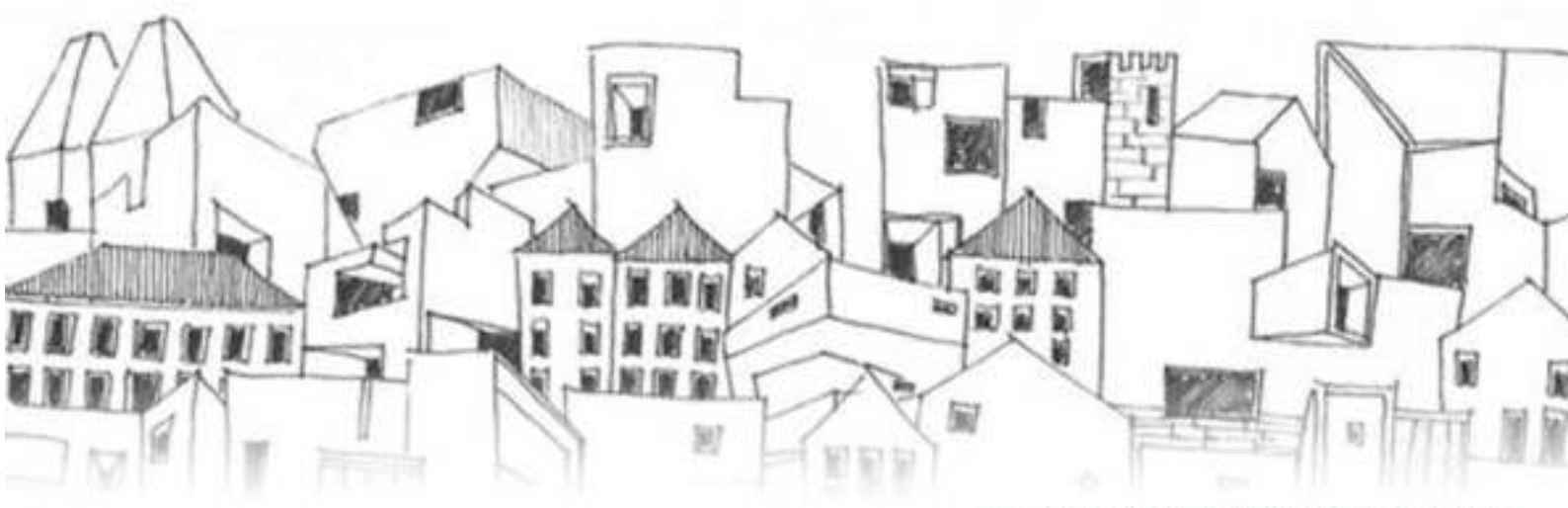
A cidade e a paisagem hoje : intervenção em Argivai (Póvoa de Varzim) através de um equipamento social como caso de estudo

<http://hdl.handle.net/11067/7632>

Metadados

Data de Publicação	2023
Resumo	<p>A cidade, desde cedo enfrentou desafios sociais e ambientais. Olhando para e refletindo sobre a cidade, apercebemo-nos claramente que esta em nada se assemelha àquela que outrora já existira, significando assim que as cidades do mundo ocidental, em particular, ingressaram numa nova era da sua história. Tais transformações encontram-se bastante vincadas na base económica, na composição sociocultural, na estrutura urbana, na política e na gestão. Através destas alterações defende-se, por variados...</p> <p>The city has faced social and environmental challenges from an early stage. Looking at and reflecting on the city, we can clearly see that it is nothing like it once was, meaning that cities in the Western world have entered a new era in their history. These transformations are quite marked in the economic base, socio-cultural composition, urban structure, politics and management. Through these changes, various authors have argued that in recent decades we have seen the formation of a new type ...</p>
Palavras Chave	Arquitetura, Cidade, Paisagem, Urbanismo, Igualdade
Tipo	masterThesis
Revisão de Pares	no
Coleções	[ULF-FAA] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-10-15T19:15:42Z com informação proveniente do Repositório



Orientador: Professor Doutor Henrique Fabião

A CIDADE E A PAISAGEM HOJE

Intervenção em Argivai (Póvoa de Varzim) através de um equipamento social

Cláudia Margarida Martins Frederico



Dissertação para obtenção do grau de mestre em Arquitectura
pela Universidade Lusíada - Vila Nova de Famalicão

FAA - Faculdade de Arquitectura e Artes

Novembro de 2023



UNIVERSIDADE LUSÍADA – VILA NOVA DE FAMALICÃO

**A CIDADE E A PAISAGEM HOJE -
Intervenção em Argivai (Póvoa de Varzim) através de um equipamento
social como caso de estudo**

Cláudia Margarida Martins Frederico

Dissertação para a obtenção do grau de mestre em arquitetura

Orientação científica: **Professor Doutor Henrique Jorge Gonçalves Fabião**

Vila Nova de Famalicão, 2023

[Todas as páginas em branco foram intencionalmente colocadas]

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor Henrique Fabião, por toda a ajuda, disponibilidade, paciência, partilha de conhecimentos e principalmente por toda a amizade. Estará no meu coração para o resto da vida.

Aos meus pais, que são o meu suporte na vida e que permitiram que tudo isto fosse possível. Sem eles, não teria chegado até aqui e não seria o que sou hoje. O que tenho para lhes dizer será sempre pouco, tendo em conta tudo já fizeram e o que continuam a fazer por mim todos os dias. Vocês são força e exemplo.

À minha irmã, por todos os sorrisos roubados nos momentos mais stressantes e por ser um exemplo de perseverança.

Ao meu João, por me lembrar sempre que a palavra desistir não existe e por estar ao meu lado em todos os momentos.

Aos meus colegas, amigos e professores, por toda a partilha de conhecimentos e momentos que ficarão para a vida.

RESUMO

A cidade, desde cedo enfrentou desafios sociais e ambientais. Olhando para e refletindo sobre a cidade, apercebemo-nos claramente que esta em nada se assemelha àquela que outrora já existira, significando assim que as cidades do mundo ocidental, em particular, ingressaram numa nova era da sua história. Tais transformações encontram-se bastante vinculadas na base económica, na composição sociocultural, na estrutura urbana, na política e na gestão.

Através destas alterações defende-se, por variados autores, que nas últimas décadas assistimos à formação de um novo tipo de cidade que podemos designar de “pós-moderna”, “pós-industrial” ou “pós-fordista”.

É impossível não mencionar que nas últimas décadas se tem assistido à formação de um novo tipo de cidade. Aquela que de tanto falamos: uma cidade compacta, de zonamento social e de limites precisos, estilhaça-se num conjunto de fragmentos distintos onde os efeitos de coesão, de continuidade e de legibilidade urbanística dão lugar a formações territoriais mais complexas.

É este processo evolutivo daquilo que foi e é hoje a cidade que nos dá o mote ao abordado nesta investigação e importará assim perceber de que forma, a cidade e conseqüentemente a paisagem, respondem a essa lógica evolutiva, ou seja, quais as performances que a cidade enquanto paisagem do habitar terá.

Para que este estudo ocorra em conformidade, necessário será perceber em primeiro lugar quais os conceitos que lhe dão a base, ou seja, perceber o que realmente podemos entender por ‘Cidade’, ‘Paisagem’, ‘Arquitetura’, ‘Urbanismo’ e ‘Igualdade’ e ainda perceber de que forma tais conceitos se encontram, balizando assim o estudo, permitindo assim perceber o que a partir daquele momento podemos esperar sempre que estes forem utilizados, incutindo tal linha de raciocínio.

PALAVRAS - CHAVE

Cidade | Paisagem | Arquitetura | Urbanismo | Igualdade

ABSTRACT

The city has faced social and environmental challenges from an early stage. Looking at and reflecting on the city, we can clearly see that it is nothing like it once was, meaning that cities in the Western world have entered a new era in their history. These transformations are quite marked in the economic base, socio-cultural composition, urban structure, politics and management.

Through these changes, various authors have argued that in recent decades we have seen the formation of a new type of city that we can call "post-modern", "post-industrial" or "post-Fordist".

It's impossible not to mention that the last few decades have seen the formation of a new type of city. The one we talk about so much: a compact city, with social zoning and precise boundaries, is shattering into a set of distinct fragments where the effects of cohesion, continuity and urban legibility are giving way to more complex territorial formations.

It is this evolutionary process of what the city was and is today that sets the tone for this research, and it will therefore be important to understand how the city and consequently the landscape respond to this evolutionary logic, in other words, what performances the city as a living landscape will have.

In order for this study to take place accordingly, it will first be necessary to understand the concepts on which it is based, in other words, to understand what we really mean by 'City', 'Landscape', 'Architecture', 'Urbanism' and 'Equality', and also to understand how these concepts are found, thus guiding the study and allowing us to understand what we can expect from that moment on whenever they are used, instilling such a line of reasoning.

KEY WORDS

City | Landscape | Architecture | Urbanism | Equality

Índice

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO	6
ABSTRACT	7
ÍNDICE DE FIGURAS E FONTES	10
NOTA PRÉVIA À INTRODUÇÃO	17
INTRODUÇÃO	19
MOTIVAÇÃO	21
OBJETIVOS	22
METODOLOGIA	22
ESTRUTURA	23
O ESTADO DA ARTE	23
Capítulo I A simbiose entre a cidade e o campo	26
1 A CIDADE E O CAMPO	27
1.1 A CIDADE ANTIGA	30
1.2 O CAMPO EM SEGUNDO PLANO	35
Capítulo II A linguagem verde	38
2 GARDEN CITY (RAYMOND UNWIN E BARRY PARKER) E VILLE RADIEUSE (LE CORBUSIER)	39
2.1 O “LOCUS”	43
2.2 ECOLOGIA URBANA	48
2.3 PROBLEMA DA HABITAÇÃO	54
2.4 DIMENSÃO URBANA	58
Capítulo III - A cidade e a urbanidade	62
3. A CIDADE NO DIÁLOGO ENTRE DISCIPLINAS	63
3.1 SEGREGAÇÕES URBANAS	66
3.2 ESPAÇOS E VAZIOS URBANOS	70
3.3 ESPAÇOS PÚBLICOS NA PÓS-MODERNIDADE	73
Capítulo IV	76

4 PAISAGEM NATURAL E PAISAGEM URBANA	77
4.1 A CONSTRUÇÃO VISUAL DA PAISAGEM	79
4.2 GORDON CULLEN E A PAISAGEM URBANA	82
Capítulo V A arquitetura materializada	86
5.1 CASA DA MÚSICA	87
5.2 PISCINA MUNICIPAL DE CAMPO MAIOR	93
5.3 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO NO PALÁCIO DE BELÉM	98
Capítulo VI Aplicação prática do projeto	101
6 ANTECEDENTES - O FENÓMENO DO LUGAR	102
6.1. LEITURA FENOMENOLÓGICA DO LUGAR	102
6.2. CLIMA E GEOGRAFIA	103
6.3. VALORES ESSENCIAIS, IDENTIFICATIVOS E SIGNIFICATIVOS	103
6.4. FIXAÇÃO	104
6.5. EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA E URBANA	104
6.6. HISTÓRIA	105
6.7. SÍNTESE PROGNÓSTICA	107
6.8. DIAGNÓSTICO URBANO	108
6.9. ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO URBANA	108
LINHAS DE VISÃO	110
GEOMETRIZAÇÃO	110
6.10. EQUIPAMENTO	114
CONCLUSÃO	118
BIBLIOGRAFIA	119
WEBGRAFIA	121

ÍNDICE DE FIGURAS E FONTES

Figura 001 | Página 26 O campo.

Fonte: Henry H. Parker. [em linha]. Disponível na internet em:

https://rehs.com/henry_h_parker_virtex.htm?page=4&key=26

Acesso em: 9 de setembro de 2023.

Figura 002 | Página 29 A cidade.

Fonte: Desconhecida. [em linha]. Disponível na internet em:

<https://www.pinterest.pt/pin/120400990031781179/>

Acesso em: 9 de setembro de 2023.

Figura 003 | Página 34 A cidade antiga.

Fonte: Jaques François Carabain [em linha]. Disponível na internet em:

<https://www.flickr.com/photos/amber-tree/16339382022>

Acesso em: 22 dezembro, 2021.

Figura 004 | Página 37 O campo em segundo plano.

Fonte: Desconhecida [em linha]. Disponível na internet em:

<https://www.pinterest.pt/pin/392094711319381439/>

Acesso em: 22 dezembro, 2021.

Figura 005 | Página 38 A linguagem verde.

Fonte: Desconhecida [em linha]. Disponível na internet em:

<https://www.pinterest.pt/pin/824088431838245013/>

Acesso em: 22 dezembro, 2021.

Figura 006 | Página 42 Plano geral de Raymond Unwin e Barry Parker.

Fonte: Desconhecida. [em linha]. Disponível na internet em:

<https://snailinthecity.blogspot.com/2017/07/lethworth-garden-city-realising.html>

Acesso em: 22 dezembro, 2021.

Figura 007 | Página 42 Hampstead Garden Suburb. Vista aérea.

Fonte: Photograph, HGST32. [em linha]. Disponível na internet em:

<https://hgsheritage.org.uk/Detail/objects/HGST32>

Acesso em: 21 de dezembro, 2021.

Figura 008 | Página 42 Conjunto habitacional Sheffield – Park Hill. Jack Lynn e Ivor Smith

Fonte: Paul Dobraszczyk. [em linha]. Disponível na internet em:
<https://www.archdaily.com.br/br/804300/classicos-da-arquitetura-conjunto-habitacional-park-hill-jack-lynn-e-ivor-smith>

Acesso em: 24 de dezembro, 2021.

Figura 009 | Página 42 Golden Lane. Competition project. Alison & Peter Smithson

Fonte: Smithson e Smithson. [em linha]. Disponível na internet em:
https://www.researchgate.net/figure/Golden-Lane-competition-project-panel-1952-showing-continuous-interconnected-housing_fig10_336175207

Acesso em: 24 de dezembro, 2021.

Figura 010 | Página 42 Ville Radieuse. Perspetiva de Le Corbusier

Fonte: Desenho em papel de Lera Ryazanceva.[em linha]. Disponível na internet em:
<https://www.saatchiart.com/art/Drawing-Ville-Radieuse-Le-Corbusier/1738350/8666790/view>

Acesso em: 22 de dezembro, 2021.

Figura 011 | Página 42 Ville Radieuse. Plano urbano de Le Corbusier.

Fonte: Manolis Venierakis, Nerini Mavroudi. [em linha]. Disponível na internet em:
<http://www.manolisvenierakis.com/le-corbusier-urban-planning>

Acesso em: 19 de dezembro, 2021.

Figura 012 | Página 44 Genius Loci – Curta-metragem

Fonte: Adrien Merigeau. [em linha]. Disponível na internet em:
<https://mubi.com/pt/films/genius-loci>

Acesso em: 25 de dezembro, 2021.

Figura 013 | Página 47 Palazzo della Ragione (Pádua)

Fonte: Autor desconhecido. [em linha]. Disponível em:
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Palazzo_della_Ragione_\(P%C3%A1dua\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Palazzo_della_Ragione_(P%C3%A1dua))

Acesso em: 25 de dezembro, 2021.

Figura 014 | Página 47 Palazzo della Ragione (Pádua)

Fonte: Stefan Bauer. [em linha]. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Palazzo_della_Ragione_\(P%C3%A1dua\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Palazzo_della_Ragione_(P%C3%A1dua))
Acesso em: 26 de dezembro, 2021.

Figura 015 | Página 47 Palazzo della Ragione (Pádua)

Fonte: Stefan Bauer. [em linha]. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Palazzo_della_Ragione_\(P%C3%A1dua\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Palazzo_della_Ragione_(P%C3%A1dua))
Acesso em: 26 de dezembro, 2021.

Figura 016 | Página 49 A psicologia e as percepções da “Gestalt”

Fonte: Lucas Brandão. [em linha]. Disponível em: <https://comunidadeculturaearte.com/a-psicologia-e-as-percepcoes-da-gestalt/>
Acesso em: 26 de dezembro, 2021.

Figura 017 | Página 49 A psicologia da “Gestalt”

Fonte: Bruno Carrasco. [em linha]. Disponível em: <https://www.ex-isto.com/2020/06/psicologia-da-gestalt.html>
Acesso em: 26 de dezembro, 2021.

Figura 018 | Página 53 Florença do Humanismo

Fonte: Hugo Repetto. [em linha]. Disponível em: <https://es.paperblog.com/como-recorrer-florenca-la-ciudad-cuna-del-renacimiento-en-un-dia-y-no-morir-en-el-intento-3320787/>
Acesso em: 26 de dezembro, 2021.

Figura 019 | Página 53 Villa Capra, dita La Rotonda

Fonte: Hans A. Rosbach. [em linha]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Palladianismo#/media/Ficheiro:VillaCapra_2007_07_18_1.jpg
Acesso em: 26 de dezembro, 2021.

Figura 020 | Página 53 Villa Emo

Fonte: Isa Discacciati. [em linha]. Disponível em: <http://italiaperamore.com/conheca-villa-emo-obra-prima-palladio-no-veneto/>
Acesso em: 26 de dezembro, 2021.

Figura 021 | Página 53 Notre Dame

Fonte: Shutterstock. [em linha]. Disponível em: <https://gooutside.com.br/descobertas-arqueologicas-notre-dame/>

Acesso em: 28 dezembro, 2021.

Figura 022 | Página 57 Problema de habitação – Roma

Fonte: Amélie Veaux. [em linha]. Disponível em: <https://apaixonadosporhistoria.com.br/artigo/288/casas-romanas-a-moradia-na-roma-antiga>

Acesso em: 28 dezembro, 2021.

Figura 023 | Página 57 Plano de Haussmann - Paris

Fonte: Jessika Marques. [em linha]. Disponível em: <https://teoriadourbanismo.wordpress.com/2012/03/13/a-reforma-de-paris-e-o-plano-haussmann/>

Acesso em: 29 dezembro, 2021.

Figura 024 | Página 57 Paris – A cidade de hoje

Fonte: Autor desconhecido. [em linha]. Disponível em <https://www.simplesmenteparis.com/os-estilos-arquiteticos-de-paris-descubra-a-epoca-e-os-estilos-em-que-cada-construcao-de-paris-foi-feita/>

Acesso em: 30 dezembro, 2021.

Figura 025 | Página 57 Edifício Adelphi – Irmãos Adam

Fonte: Wikipédia. [em linha]. Disponível em: [https://es.wikipedia.org/wiki/Adelphi_\(Londres\)#/media/Archivo:Adam_Brothers_Adelphi.jpg](https://es.wikipedia.org/wiki/Adelphi_(Londres)#/media/Archivo:Adam_Brothers_Adelphi.jpg)

Acesso em: 30 dezembro, 2021.

Figura 026 | Página 61 A cidade na Era industrial

Fonte: Autor Desconhecido. [em linha]. Disponível em: <https://oestadodaarte.com.br/a-cidade-na-era-industrial/>

Acesso em: 5 janeiro, 2022.

Figura 027 | Página 62 Cidade e urbanidade.

Fonte: Autor Desconhecido. [em linha]. Disponível em:

<https://www.pinterest.pt/pin/210050770114119339/>

Acesso em: 5 janeiro, 2022.

Figura 028 | Página 65 A cidade e o diálogo entre disciplinas.

Fonte: Autor Desconhecido. [em linha]. Disponível em:

<https://www.pinterest.pt/pin/1047649932042978447/>

Acesso em: 5 janeiro, 2022.

Figura 029 | Página 69 Segregações urbanas

Fonte: ImageRocinha. [em linha]. Disponível em:

<https://www.archdaily.com.br/br/611146/segregacao-urbana-em-6-fotografias-desigualdade-vista-de-cima>

Acesso em: 20 janeiro, 2022.

Figura 030 | Página 72 Espaços e vazios urbanos

Fonte: Autor Desconhecido. [em linha]. Disponível em:

<https://www.pinterest.pt/pin/210965563785233871/>

Acesso em: 30 janeiro, 2022.

Figura 031 | Página 75 Espaços públicos na pós-modernidade

Fonte: Diller Scofidio; Renfo. [em linha]. Disponível em:

<https://archjourney.org/projects/the-highline/>

Acesso em: 29 fevereiro, 2022.

Figura 032 | Página 76 Paisagem e Natureza

Fonte: Autor Desconhecido. [em linha]. Disponível em:

<https://www.pinterest.pt/pin/64246732176995294/>

Acesso em: 29 fevereiro, 2022.

Figura 033 | Página 81 Paisagem Urbana

Fonte: Damian Holmes. [em linha]. Disponível em:

<https://worldlandscapearchitect.com/riverlight-london-uk-gillespies/?v=35357b9c8fe4>

Acesso em: 10 março, 2022.

Figura 034 | Página 85 Gordon Cullen e a paisagem urbana

Fonte: Autor Desconhecido. [em linha]. Disponível em:
<https://www.pinterest.pt/pin/28640147622849371/>
Acesso em: 26 março, 2022.

Figura 035 | Página 86 A arquitetura materializada

Fonte: Autor Desconhecido. [em linha]. Disponível em:
<https://www.pinterest.pt/pin/10977592827419990/>
Acesso em: 28 março, 2022.

Figura 036 | Página 92 Casa da Música

Fonte: Autor Desconhecido. [em linha]. Disponível em:
https://nl.wikipedia.org/wiki/Casa_da_M%C3%BAsica
Acesso em: 12 setembro, 2022.

Figura 037 | Página 97 Piscina Municipal de Campo Maior

Fonte: Autor Desconhecido. [em linha]. Disponível em: <https://miesarch.com/work/2525>
Acesso em: 12 setembro, 2022.

Figura 038 | Página 100 Centro de documentação e Informação, Palácio de Belém

Fonte: Autor Desconhecido. [em linha]. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-37199/centro-de-documentacao-e-informacao-palacio-de-belem-carrilho-da-graca-arquitectos>
Acesso em: 21 setembro, 2022.

Figura 039 | Página 101 Póvoa de Varzim

Fonte: Autor Desconhecido. [em linha]. Disponível em:
<https://www.pinterest.pt/pin/326440672997568370/>
Acesso em: 25 novembro, 2022.

Figura 040 | Página 110 Conceito, análise e diagnóstico

Fonte: Produção própria.

Figura 041 | Página 111 Relação de paralelismo

Fonte: Produção própria.

Figura 042 | Página 111 Paralelismo e ortogonalidade

Fonte: Produção própria.

Figura 043 | Página 112 Funções

Fonte: Produção própria.

Figura 044 | Página 112 Rotação

Fonte: Produção própria.

Figura 045 | Página 113 Plano urbano

Fonte: Produção própria.

Figura 046 | Página 11 Centro Comunitário

Fonte: Produção própria.

NOTA PRÉVIA À INTRODUÇÃO

“A ciência e os métodos científicos são uma ferramenta, um instrumento de trabalho que permite ao homem uma maior eficácia de ação, por cujos resultados é responsável o próprio homem e ainda a ciência.” (MOREIRA, Cristiano. 1994: 14)

O conhecimento que adquirimos ao longo da nossa vida provém de diversas fontes distintas, tendo como ponto de partida a observação e a experiência.¹

À segunda fonte, corresponde nada mais nada menos do que uma experiência idealizada, sendo ela resultado da nossa experiência acumulada e selecionada por toda a nossa educação.²

A terceira fonte está centrada na documentação, que nos permite a resolução de diversas questões para a qual não encontramos resposta, através da recolha de informação válida relacionada com um determinado assunto.³

A quarta fonte de informação é mais considerada um mecanismo, ou seja, a respiração.⁴

No que diz respeito à base da atividade mental, nela existem duas categorias de operações essenciais: a análise e a síntese, sendo intuitivo determinar que existe uma complementaridade entre ambas, principalmente quando o objetivo geral é o lançamento de uma hipótese que precisa de ser confirmada sendo que tal, na arquitetura, apenas se alcança através da execução em obra.

Através do contributo da informação recolhida, relativamente ao conhecimento e processo arquitetónico podemos concluir que o problema da arquitetura, e afinal o da organização do espaço em geral, perspetiva desenvolver métodos científicos desde que se tomem em linha de conta os seus limites de aplicação.

¹ Considerando como primeira fonte a experiência, uma observação provocada e memorizada, sendo maior parte da memória inconsciente, despertando apenas quando provocada por outros estímulos. (cf. Ibidem: 16) A qualquer momento podemos ser confrontados por algum estímulo que nos leva a reviver uma experiência sensorial já antes vivenciada, provando-nos que tudo aquilo que já vivenciamos nunca é completamente esquecido, apenas está guardado no nosso inconsciente, e tal manifesta-se, na arquitetura que realizamos.

² É através desta que adquirimos uma linguagem e, conseqüentemente, descobrimos o mundo e a sua lógica. É bastante fácil determinar que esta segunda fonte, à qual recorremos ao longo de toda a nossa vida, é de extrema importância e determinante, no que diz respeito ao nosso papel como indivíduos, pensadores e argumentadores. (cf. Ibidem: 16)

³ Por vezes pode ser complicado encontrar a informação necessária e o mais certo é que esta não se encontre apenas no primeiro documento que encontramos na prateleira. A recolha de documentação importante, é um processo, então, bastante extenso. (cf. Ibidem: 16)

⁴ É um pouco mais complexo do que aquilo que aparenta ser, na medida em que se trata de aplicar um método comprovado em determinado domínio, a um domínio diferente, ou seja, para além de ser consciencializado, tem de ser confirmado, para que desse modo tenha validade. (cf. Ibidem: 17)

“O povo sem arquiteto construiu sempre em função de modelos fundamentados (...) segundo certas técnicas, certas funções, certas utilizações. Então a sociedade pede ao arquiteto que obtenha os mesmos resultados utilizando o seu próprio discurso e os seus próprios modelos (...)” (ibidem: 26) o que faz com que seja possível concluir que, chegamos a uma fase da Arquitetura em que esta colocou em causa a sua poesia, passando a haver preocupações maiores no que diz respeito aos elementos técnicos, às questões de âmbito económico, de âmbito social e implicitamente de âmbito epistemológico. Ou seja, fez com que ao longo do tempo os modelos de conceção arquitetónica desaparecessem,⁵ recolocando a função do arquiteto⁶.

Tendo em conta os contextos mencionados anteriormente, é coerente determinar a necessidade de uma reflexão teórica e metodológica, sendo que o ponto de partida terá sido a aceitação da arquitetura como fenómeno social pluridisciplinar e não unicamente como fenómeno artístico-cultural, querendo isto dizer que a Arquitetura aborda mais do que uma temática, ou tal como a conhecemos, aborda mais do que uma disciplina, sendo que é necessário o conhecimento e a abordagem das mesmas, de modo a que consigamos corresponder a todas as necessidades que a função do arquiteto exige.

⁵ Ao dizer que os modelos de conceção arquitetónica têm vindo a desaparecer pretendemos esclarecer que, atualmente, na arquitetura, não identificamos tão facilmente tais modelos. Isto, porque as linguagens assumem fundamentalmente uma dimensão do entendimento do próprio/arquiteto na sua singularidade e não numa tendência de perspectiva mais ideológica que um determinado grupo, eventualmente, poderia fixar.

⁶ Atualmente, não se pede a um arquiteto que garanta um estilo que satisfaça a toda a gente ou que exprima a poesia dos pilares, dos jardins ou das paredes, mas sim que assuma uma forte responsabilidade social. A função do arquiteto e o lugar que este ocupa perante a sociedade têm vindo a mudar passando a existir um novo equilíbrio entre a sua competência e a sua função. Tal visão, não sendo nova, recorda-nos da constatação de Octávio Lixa Filgueiras nos passados anos 60, com o seu texto ‘Da função social do arquiteto – para uma Teoria de responsabilidade numa época de encruzilhada’

INTRODUÇÃO

“Gostava de estar no campo para poder gostar de estar na cidade.”

Fernando Pessoa (1888-1935)

“Os sentimentos mais genuinamente humanos logo se desumanizam na cidade.”

Eça de Queiroz (1845-1900)

“Em todos os prédios há pessoas juntas que nunca se encontraram.”

Pedro Chagas Freitas (1979)

“A cidade não é apenas um espaço físico, mas uma forja de relações. É o centro de um tempo onde se fabricam e refabricam as identidades próprias.”

Mia Couto (1955)

“A cidade não é a solidão porque a cidade aniquila tudo o que povoa a solidão. A cidade é o vazio.”

Pierre La Rochelle (1893-1945)

“Uma cultura, todos o sabemos, é feita pelas suas cidades.”

Derek Walcott (1930-2017)

Olhando para e refletindo sobre a cidade, apercebemo-nos claramente que esta em nada se assemelha àquela que outrora já existira, significando assim que as cidades do mundo ocidental, em particular, ingressaram numa nova era da sua história. Tais transformações encontram-se bastante vincadas na base económica, na composição sociocultural, na estrutura urbana, na política e na gestão.

Através destas alterações defende-se, por variados autores, que nas últimas décadas assistimos à formação de um novo tipo de cidade que podemos designar de “pós-moderna”⁷, “pós-industrial”⁸ ou “pós-fordista”⁹.

⁷ A pós-modernidade teve um papel importante no que diz respeito à representação de toda a estrutura sociocultural desde o fim dos anos 80 até aos dias de hoje, nas cidades. Esta consiste no ambiente em que a sociedade pós-moderna está inserida, sendo caracterizada pela globalização e pelo domínio do sistema capitalista. A primeira fase teve início no fim da Segunda Guerra Mundial e desenvolveu-se até ao declínio da União Soviética. A segunda fase teve início no fim da década de 1980, através da quebra da bipolaridade vivida no mundo durante a Guerra Fria. (cf. MENDES, Luís. 2011: 476)

⁸ É possível dizer que as cidades pós-industriais nasceram através da Segunda Guerra Mundial, tendo como primeiro momento o aumento da comunicação entre a população, através da disseminação de novas tecnologias e com a alteração da base económica. Esta deixou de ter uma sociedade apoiada na produção agrícola e na indústria passando a ter como principal enfoque a produção de informação, serviços, símbolos e sua possível expressão estética. (cf. Ibidem: 476)

⁹ O modelo pós-fordista tem como base a flexibilidade, partindo para a produção de pequenas quantidades, atendendo assim a um mercado diferenciado com um público específico. Ou seja, a intenção era os produtos apenas serem fabricados ou entregues a tempo de serem comercializados, permitindo assim que a indústria pudesse acompanhar as transformações dos padrões de consumo. (cf. Ibidem: 476)

No entanto, existem de fato aspetos que não podem nem devem deixar de ser mencionados, podendo dizer-se que temos vindo a presenciar uma transição de paradigma, mas apesar disso, não é possível afirmar que não existam mesmo assim vestígios de continuidade com a modernidade. “...apenas como sintomas passageiros no seio de uma modernidade urbana basicamente contínua e não como vestígios da emergência de uma forma de vida social urbana potencialmente nova.” (Ibidem: 474)

É impossível não mencionar que nas últimas décadas se tem assistido à formação de um novo tipo de cidade. Aquela que de tanto falamos: uma cidade compacta, de zonamento social e de limites precisos, estilhaça-se num conjunto de fragmentos distintos onde os efeitos de coesão, de continuidade e de legibilidade urbanística dão lugar a formações territoriais mais complexas.

É este processo evolutivo daquilo que foi e é hoje a cidade que nos dá o mote ao abordado nesta investigação e importará assim perceber de que forma, a cidade e conseqüentemente a paisagem, respondem a essa lógica evolutiva, ou seja, quais as performances que a cidade enquanto paisagem do habitar terá.

Para que este estudo ocorra em conformidade, necessário será perceber em primeiro lugar quais os conceitos que lhe dão a base, ou seja, perceber o que realmente podemos entender por ‘Cidade’, ‘Paisagem’, ‘Arquitetura’, ‘Urbanismo’ e ‘Igualdade’ e ainda perceber de que forma tais conceitos se encontram, balizando assim o estudo, permitindo assim perceber o que a partir daquele momento podemos esperar sempre que estes forem utilizados, inculcando tal linha de raciocínio.

Entendidos os conceitos base desta investigação, percebemos que não podemos abordar a atualidade sem antes perceber aquela que foi também a base de formação, que fez com que o mote deste estudo chegasse aos dias de hoje com tal leitura.

Assim sendo, não poderá falar-se de Cidade e Paisagem, bem como da ligação que ambas têm, sem falar dos períodos e das diferentes transformações que a Cidade sofreu e continua a sofrer até aos dias de hoje. Através da área de intervenção referente ao Projeto de 5º ano, facilmente identificamos algumas destas transformações, na medida em que esta se localiza numa das zonas mais problemáticas da cidade da Póvoa de Varzim, mais concretamente em Argivai, sendo possível observar uma maior taxa de edifícios de caráter social.

Numa das citações mencionadas anteriormente, neste caso, a de Mia Couto “A cidade não é apenas um espaço físico, mas uma forja de relações. É o centro de um tempo onde se

fabricam e refabricam as identidades próprias.” é possível ver expressa a premissa fundamental do objeto de investigação, e onde também, através da interação do corpo e o espaço/lugar da arquitetura encontra o seu sentido, a sua finalidade emotiva.

É exatamente através desta noção de interação entre o corpo e o espaço construído que recai a investigação, tendo em conta o ponto de vista do utilizador e do arquiteto.

Este estudo, pretende contribuir para a compreensão da Cidade e da Paisagem, sendo elas distintas, mas similares, de tal forma que se fundem e isso muitas vezes impede que se perceba com clareza onde uma começa e a outra acaba, tal como será possível observar no território em estudo, localizado em Argivai, na cidade da Póvoa de Varzim. Assim, podemos afirmar que, a Cidade e a Paisagem são complementares, são irmãs, são uma mesma alma envelhecida, mas em constante busca por renovação e contemporaneidade.

Sendo assim, como é que o corpo interage com o espaço pré-existente e o experiencia?

Este tipo de questões, procuram uma abordagem numa dimensão mais alargada e emotiva, na medida em que, a dimensão do ser sensível seja abordada como um todo e não apenas como um corpo.

Neste sentido, é importante a relação entre corpo (equipamento social) e espaço (Argivai, Póvoa de Varzim), resultando assim numa perceção única, tal como é possível observar no do nosso caso de estudo, mais concretamente, o equipamento social proposto para a zona de intervenção em questão, tal como iremos demonstrar mais à frente.

MOTIVAÇÃO

A motivação para o tema abordado surge no momento em que nos deparamos com a citação¹⁰ anteriormente mencionada, do escritor e biólogo moçambicano Mia Couto, indo esta de encontro a uma outra já anteriormente abordada, do escritor santa-lucense Derek Walcott¹¹. Também a carismática frase do nosso poeta português, Fernando Pessoa, que menciona que “Gostava de estar no campo para poder gostar de estar na cidade.” (FERNANDO, Pessoa. 2006: 367) aglutinando-se às anteriores, despertando o supremo interesse sobre estas e motivando a curiosidade sob o posicionamento das diferenças entre

¹⁰ “A cidade não é apenas um espaço físico, mas uma forja de relações. É o centro de um tempo onde se fabricam e refabricam as identidades próprias.” (COUTO, Mia. 1955.)

¹¹ “Uma cultura, todos o sabemos, é feita pelas suas cidades.” (WALCOTT, Derek. 1992.)

cidade e campo no tempo e no espaço, levando ao pensamento do que ambas implicam diariamente na evolução das culturas em questão e até mesmo do Homem.

É possível transportar esta linha de pensamento até ao território de intervenção e tal originar a forte motivação desta dissertação.

OBJETIVOS

Esta investigação pauta-se por responder a três importantes objetivos, sendo que o primeiro se fundamenta em provar que, efetivamente, a Arquitetura está ligada à Cidade e que esta necessita da mesma para se estudar e se melhorar; o segundo relaciona-se com a Paisagem, sendo importante entender de que forma esta influência o dia a dia de quem a habita; e por fim, de que forma a Cidade e a Paisagem se relacionam e os diferentes percursos evolutivos que sofreram até chegarem ao ponto em que hoje se encontram.

Partindo de tal perspetiva, pretendemos demonstrar através de Argivai que, as cidades podem ser muito mais do que centros económicos, sendo assim possível encontrar características fundamentais do campo, nas cidades.

METODOLOGIA

De acordo com os objetivos traçados anteriormente, a metodologia aplicada fundamenta-se, essencialmente, num estudo e uma sustentada pesquisa bibliográfica dos mais diversos e distintos autores, procurando-se deste modo, balizar o estudo, que se concretiza na construção do projeto de um equipamento social, em Argivai, na Póvoa de Varzim. Através da pesquisa bibliográfica pretende-se abordar referências, fixar outros conceitos convergentes e estabelecer uma análise, permitindo uma melhor compreensão da problemática em questão, a partir da experiência e conhecimentos adquiridos ao longo de toda a investigação, no âmbito disciplinar da disciplina arquitetónica.

Foi do trabalho de campo, da pesquisa bibliográfica e seu plasma na construção do percurso/processo, que se procuram atingir os objetivos traçados e que se entende que a Cidade e a Paisagem estão intimamente ligadas, ou seja, que possuem vários pontos de

encontro. Deste modo, o projeto de arquitetura proposto, procura contribuir para tal perspectiva.

ESTRUTURA

A investigação que se segue está estruturada em seis capítulos com a seguinte ordem: o capítulo primeiro começa por proporcionar um enquadramento histórico, na medida em que nos explica aquilo que era a cidade antiga e aquilo que se pode vivenciar no Campo; no capítulo segundo damos exemplos de duas das Cidades ‘Verdes’ que mais marcaram a história pretendendo-se assim explicar a influência que ambas tiveram na Paisagem; no capítulo terceiro abordamos a simbiose entre cidade e urbanidade, tendo como pontos de discussão principais as culturas existentes, a exclusão social e até mesmo os espaços e vazios urbanos; no capítulo quarto desmistificamos os conceitos de Paisagem e Natureza, procurando perceber a similaridade entre ambos; o capítulo quinto é representado pelo desequilíbrio da paisagem e a influência que este pode ter a nível visual e no dia a dia de determinada população; no capítulo sexto e último, aborda-se o estudo de caso do trabalho elaborado ao longo do 5º ano na disciplina de Projeto III, procurando comprovar a veracidade (ou não) do até então defendido e caracterizado.¹²

O ESTADO DA ARTE

No presente trabalho, o tema a explorar é consequência de um conhecimento adquirido ao longo do percurso académico realizado, resultando na procura de variados caminhos a explorar, contribuindo também para uma aprendizagem pessoal.

Tendo como principal preocupação a relação entre a cidade e a paisagem, o objeto e o espaço construído, sendo eles caracterizadores de uma pré-existência resultante, quando confrontada com uma intervenção e um possível olhar pessoal.

Sendo este um tema abrangente, de âmbito tipicamente interdisciplinar, a tentativa consiste na delimitação do campo de estudo, não deixando de parte a leitura pessoal e crítica.

¹² Isto acontece para que se possa demonstrar que efetivamente é algo já recorrente na Arquitetura e não algo possível de vir a acontecer.

Tendo a arquitetura como um meio de experimentação e até mesmo de descoberta por parte do arquiteto e mais tarde, pelo utilizador, é nesse momento que se encontra o seu sentido e finalidade, ou seja, no encontro de diálogo com o espaço, resultando assim numa emoção ou num sentimento, enfatizados pela proposta de desse mesmo espaço.

Como áreas complementares e de grande relevância destaca-se a Cidade, a Paisagem e a Arquitetura enquanto doutrina síntese.

Sendo assim, através deste encontro, a procura por uma nova realidade arquitetónica é subjetiva, única e até mesmo pessoal, variando de arquiteto para arquiteto.

A citação¹³ de Mia Couto vai de encontro ao defendido por Sandra latally Pesavenn demonstrando-nos que é incoerente construir uma cidade do zero sem que antes se olhe para aquilo que algum dia já existira. Ao entender aquilo que foi o passado de determinada cidade é mais fácil fabricar e refabricar as próprias identidades de cada uma delas, tal como mencionava Mia Couto. Não são poucos os pensadores que refletem sobre esta relação e que a aplicam nas suas áreas de intervenção, tais como o sociólogo galês, Raymond Williams.¹⁴

Raymond Williams¹⁵ (1921-1988), tal como podemos constatar numa das suas perspetivas¹⁶, quando questionado sobre a diferença entre o conceito de Campo e Cidade explicando que, a partir de certo ponto, o campo passou a ser considerado um refúgio, onde a vida fluía naturalmente com mais paz e harmonia e a cidade um local de aprendizagem, de comunicações. Apesar de todas essas virtudes, também haviam características negativas relativamente à cidade e ao campo. No caso da cidade, esta encontrava-se associada ao

¹³ “A cidade, enquanto espaço construído, é também significado, valor e entendimento que teve um dia seu sentido construído e fixado pelos homens. Tais sentidos do passado são como que enigmas ou segredos que é preciso decifrar, pois fizeram daquele espaço um lugar- um espaço dotado de sentido - que tinha a sua inteligibilidade em correspondência história com o tempo. E, no passado, os homens pautavam sua conduta por outros princípios e sentimentos, distintos dos nossos. Todas estas facetas da materialidade construída do passado, que se desdobra em sociabilidade e sensibilidade, se apresenta ao historiador de hoje como um palimpsesto, a embaralhar sinais e a confundir sentidos.” (PESAVENN, S. J. 2004:27)

¹⁴ Chamamos a terreiro Raymond Williams que existem ganhos, nomeadamente a nível da teoria cultural, através dos seus trabalhos, relacionando-se à capacidade de articular um ponto de vista que trate simultaneamente economia, política, história, cultura e sociedade. Para este, são os procedimentos económicos e políticos que organizam a vida social. Sendo assim, a cultura é o modo com a sociedade é configurada e vivenciada pelas pessoas.

¹⁵ Um sociólogo, teórico da comunicação e da cultura, crítico de arte, contista e novelista galês que aborda as similaridades entre Cidade e Campo ao longo da sua obra, intitulada de *O Campo e a Cidade, Na história e na literatura*, tendo ainda lançado outros artigos científicos onde se debruça sobre esta temática.

¹⁶ “Em torno das comunidades existentes, historicamente bastante variadas, cristalizaram-se e generalizaram-se atitudes emocionais poderosas. O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida — de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações — de saber, comunicações, luz. Também se constelaram poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. O contraste entre campo e cidade, enquanto formas de vida fundamentais, remonta à Antiguidade clássica.” (WILLIAMS, R. 2011:11)

barulho, à mundanidade e à ambição. Relativamente ao campo, este era considerado um lugar de atraso, ignorância e limitação.

Quando confrontado com a influência que a Revolução Industrial teve na cidade e no campo, Raymond Williams diz¹⁷ que esta não só foi responsável por transformar a cidade e o campo, mas baseou-se num capitalismo agrário bastante desenvolvido, o que acabou por antecipar o desaparecimento do campesinato tradicional.

Luís Mendes, geógrafo português, também reflete sobre a temática e defende que a cidade sofreu variadas alterações até se tornar uma cidade ‘pós-moderna’ possuidora de uma estrutura social destabilizada e desorganizada¹⁸.

Pensando diretamente naquilo que a cidade pós-industrial trouxe de novo, Luís Mendes defende¹⁹ também que no caso da cidade pós-industrial ocorre uma perda de importância no que diz respeito à proximidade territorial relativamente às relações sociais. Ou seja, as pessoas passam a ser livres para escolherem o local onde pretendem viver.

Todos estes pensadores e autores percebem e assumem, contemporaneamente, as similaridades entre a Cidade e a Paisagem enquanto campo de estudo, fundamentando o estudo que se pretende e permitindo que se aborde por tal a Arquitetura como elemento circunstancial da cidade e da paisagem, evidenciando que as similaridades entre estas são profundas, com vários pontos de colisão e fazendo uso dessas mesmas similaridades na sua obra.

¹⁷ “A Revolução Industrial não transformou só a cidade e o campo: ela baseou-se num capitalismo agrário altamente desenvolvido, tendo ocorrido muito cedo o desaparecimento do campesinato tradicional.” (Ibidem: 12)

¹⁸ “A cidade pós-moderna já não evidencia distinções sociais bem demarcadas no sentido de se conseguir distinguir com clareza onde começa uma classe e onde acaba outra. Passa, na verdade, a possuir uma estrutura social mais desestabilizada e desorganizada, cuja dualidade consiste, cada vez mais, numa “subclasse” amorfa e heterogênea de novos pobres urbanos e numa “superclasse” amorfa e heterogênea de executivos, empresários, entre outros níveis profissionais mais qualificados e elevados socialmente.” (MENDES, L. 2011:477)

¹⁹ “Na cidade pós-industrial assiste-se a uma gradual perda de importância do fator “proximidade territorial” na estruturação das relações sociais. De fato, o “próximo” deixa de ser o “mesmo”. As relações sociais dos novos moradores estão cada vez menos focalizadas no espaço do bairro e nos vizinhos. Cada indivíduo pode combinar à sua maneira a relação de proximidade e a relação de distância, numa diversificação profusa de relações com os mais diversos círculos sociais.” (Ibidem: 484)



Capítulo I | A simbiose entre a cidade e o campo | Fig. 1

1 | A CIDADE E O CAMPO

As palavras “*Campo*” e “*Cidade*” são bastante impactantes e importantes, tendo em conta tudo aquilo que elas significam na vivência das comunidades.

Ao longo do tempo tanto a “*Cidade*” como o “*Campo*” foram sofrendo algumas alterações, ou seja, o campo passou a ser associado a uma forma natural de viver, caracterizada pela “...paz, a inocência e algumas virtudes simples.” No caso da cidade, esta associou-se a uma ideia de “...centro de realizações...”, ou seja, “...de saber, de comunicações e de luz.” No entanto, também eram possuidoras de algumas características negativas. No caso da cidade, esta era considerada um lugar de barulho, mundanidade e ambição. Relativamente ao campo, este era um lugar de atraso, de ignorância e de limitação.²⁰

Raymond Williams, faz uma descrição daquilo que é para ele a vida rural, em diversos significados:

“São os olmos, os pilriteiros, o cavalo branco no campo que vejo pela janela enquanto escrevo. São os homens na tarde de novembro, voltando para casa depois da poda, as mãos enfiadas nos bolsos dos casacos cáqui; e as mulheres de lenço na cabeça, paradas às portas das casas, esperando pelo ônibus azul que as levará para o campo, onde trabalharão na colheita durante o horário escolar. É o trator descendo a estrada, deixando a marca denteada dos pneus na lama; é a luz acesa na madrugada, na criação de porcos do outro lado da estrada, no momento de um parto; o caminhão lerdo na curva fechada, repleto de carneiros amontoados na carroceira; o saibrosa, não muito longe daqui, que está sendo loteada para a construção de casas, ao preço de 12 mil libras o acre.”²¹

No entanto, Raymond Williams também já teve a oportunidade de vivenciar a cidade, o que faz com que este possua também uma opinião relativamente a ela:

“... os grandes prédios da civilização; os pontos de encontro; as bibliotecas e teatros, as torres e cúpulas; ... as casas, as ruas, a tensão e o entusiasmo de estar no meio de tanta gente, com tantas metas diferentes. Já me vi em muitas cidades e experimentei esta sensação... esta

²⁰ cf. WILLIAMS, R. 1973: 11

²¹ Ibidem: 14

qualidade identificável e comovente: o centro, a atividade, a luz. Como todo mundo, também já senti o caos dos metrô e engarrafamentos de trânsito; a monotonia de casas idênticas enfileiradas; a pressão agressiva de multidões de desconhecidos.”²²

Podemos assim afirmar que, ao falarmos nas relações entre “Campo” e “Cidade”, entre berço e instrução, é impossível não constatar que se trata de uma “história ativa e contínua.” Não existem apenas relações no que diz respeito às ideias e experiências, mas também entre situação e poder, resultando num “sistema mais amplo”.²³

²² Ibidem: 16

²³ cf. WILLIAMS R. 1973: 19



Fig. 2 | A cidade

1.1 | A CIDADE ANTIGA

Tendo a cidade de Roma como exemplo, Henri Pirenne, autor da obra “*As cidades da idade média*”, forneceu ao estudo da cidade, mais concretamente à relação entre a cidade e as instituições citadinas a importância dada aos lugares, aos monumentos e à realidade física da cidade como momento permanente de seu dever político e institucional, ou seja, todos os monumentos e toda a construção urbana são um sinal de referência, possuidores de um significado diverso ao longo do tempo.²⁴

“Os núcleos antigos e os burgos, no entanto, desempenharam na história das cidades um papel essencial. Foram, por assim dizer, seus dentilhões. É em torno das suas muralhas que elas se formarão, assim que se manifestar o renascimento económico, cujos primeiros sintomas surpreendemos no decorrer do século X.”²⁵

É à volta dos muros dos burgos e das antigas cidades romanas que surge o renascimento, apesar da cidade não existir a nível social, económico e jurídico.

Tal como nos demonstra Pirenne, a cidade clássica desconhece algo semelhante à cidade burguesa local. É também detetável que, no mundo clássico, a vida urbana confundia-se com a vida nacional, na medida em que é possível determinar as semelhanças entre o sistema municipal na Antiguidade e o sistema constitucional. Através da dominação ao mundo mediterrâneo, Roma, “...fez das cidades os pontos do seu sistema imperial.” Esse é considerado um sistema bastante eficaz, na medida em que sobreviveu às invasões germânicas e árabes, no entanto, a cidade acabou assim por mudar drasticamente a sua função.

“Em primeiro lugar, a igreja estabelece suas dioceses nas circunscrições das cidades romanas; a cidade se torna, desse modo, a sede do bispo; assim o êxodo dos mercadores, a decadência do comércio, o fim das relações entre as cidades, não tendo nenhuma influência sobre a organização eclesiástica, não modificam a estrutura urbana. As cidades identificam-

²⁴ cf. ROSSI A. 1966: 125

²⁵ MILIZA F. 1813: 663

se com o prestígio da igreja, enriquecem-se com as doações, são associadas pelos carolíngios à administração e enquanto de um lado se enriquecem, do outro cresce seu prestígio moral. Quando da queda do Império carolíngio, os príncipes feudais continuam a respeitar a autoridade da Igreja e daí decorre que, mesmo na anarquia dos séculos IX e X, a preeminência dos bispos confere naturalmente às suas residências, isto é, às antigas cidades romanas, uma preponderância absoluta.”²⁶

E assim, tal como Pirenne, pensamos ser este o verdadeiro motivo que salva as cidades da ruína, tendo em conta que, na economia do século IX, não há motivos para a existência das mesmas, pois, através do desaparecimento dos mercadores, elas acabam por não ter interesse para a sociedade laica.

Tal como sabemos, em volta delas, as grandes propriedades agrícolas viviam uma vida a solo e o Estado, que tal como sabemos encontra-se constituído sobre uma base exclusivamente agrícola, não demonstra interesse pela sorte delas.

Os castelos dos príncipes e dos condes estavam situados no campo, ou seja, o que ligava os bispos à cidade era, o carácter sedentário do ofício eclesiástico. “Nesse sentido, a cidade se salva da ruína como lugar físico da sede dos bispos, não como continuidade das instituições urbanas.”²⁷

Podemos concluir assim que, tal como na análise de Pirenne, que o exemplo da cidade de Roma é de extraordinária evidência:

“A cidade imperial tornou-se cidade pontifical. Seu prestígio histórico realçou o do sucessor de São Pedro. Isolado, ele pareceu maior e, ao mesmo tempo, tornou-se mais poderoso. Já não se via nada além dele... continuando a morar em Roma, fez dela a *sua* Roma, como cada bispo fez da cidade em que morava a *sua* cidade.”²⁸

Então, em que sentido a cidade antiga se torna o lugar da cidade moderna?

²⁶ ROSSI A. 1966: 128

²⁷ cf. ROSSI A. 1966: 128

²⁸ MILIZA F. 1813: 418.

Para nós, tal como para Pirenne, atribuir a formação da cidade medieval à ação da abadia do castelo ou do mercado, é totalmente errado. Ou seja, as cidades nascem, sim, juntamente com as instituições burguesas, graças ao despertar económico e industrial da Europa.

Sendo assim, facilmente podemos questionar: como e porque se instalaram nas cidades romanas?

Temos consciência que as cidades romanas não eram criações artificiais, pelo contrário, elas eram possuidoras de todas as condições de ordem geográfica sem as quais uma aglomeração urbana não pode viver e prosperar. Estas encontravam-se situadas nas interseções das “estradas de César”, que durante séculos foram consideradas as estradas da humanidade, estando destinadas a tornar-se sedes da vida municipal.²⁹

“As cidades, que, do século IX ao século X, não foram mais que o centro dos grandes domínios eclesiásticos, por uma transformação rápida e inevitável vão recuperar seu carácter primitivo, que haviam perdido há tanto tempo.”³⁰

Tal transformação rápida e inevitável já era expectável, tendo em conta que, no interior das cidades antigas ou até mesmo em volta delas, constituíam um artefacto complexo, entre o artifício e a natureza. Elas são consideradas um bem e simultaneamente uma referência.

“Uma questão desse tipo, que vimos aplicada aqui à cidade antiga, apresenta-se também em todas aquelas questões que se referem à passagem da cidade burguesa à cidade socialista; também aqui parece certo que os tempos das mudanças das instituições já não são redutíveis à evolução da forma. E que colocar uma relação simples entre os dois fatos, como alguns pretendem, é uma questão abstrata que não corresponde à realidade dos processos urbanos.”³¹

A verdade é que, no que diz respeito aos monumentos e aos elementos primários, ou seja, o que se refere concretamente à esfera pública, adquirem um carácter cada vez mais complexo, não sendo tão fácil a sua modificação.

²⁹ cf. ROSSI A. 1966: 128

³⁰ MILIZA F. 1813: 420

³¹ ROSSI A. 1966: 132

No caso da residência, depende da vida de quem nela habita, participando do sistema que a cidade em seu conjunto constitui.³²

³² cf. ROSSI A. 1966: 132

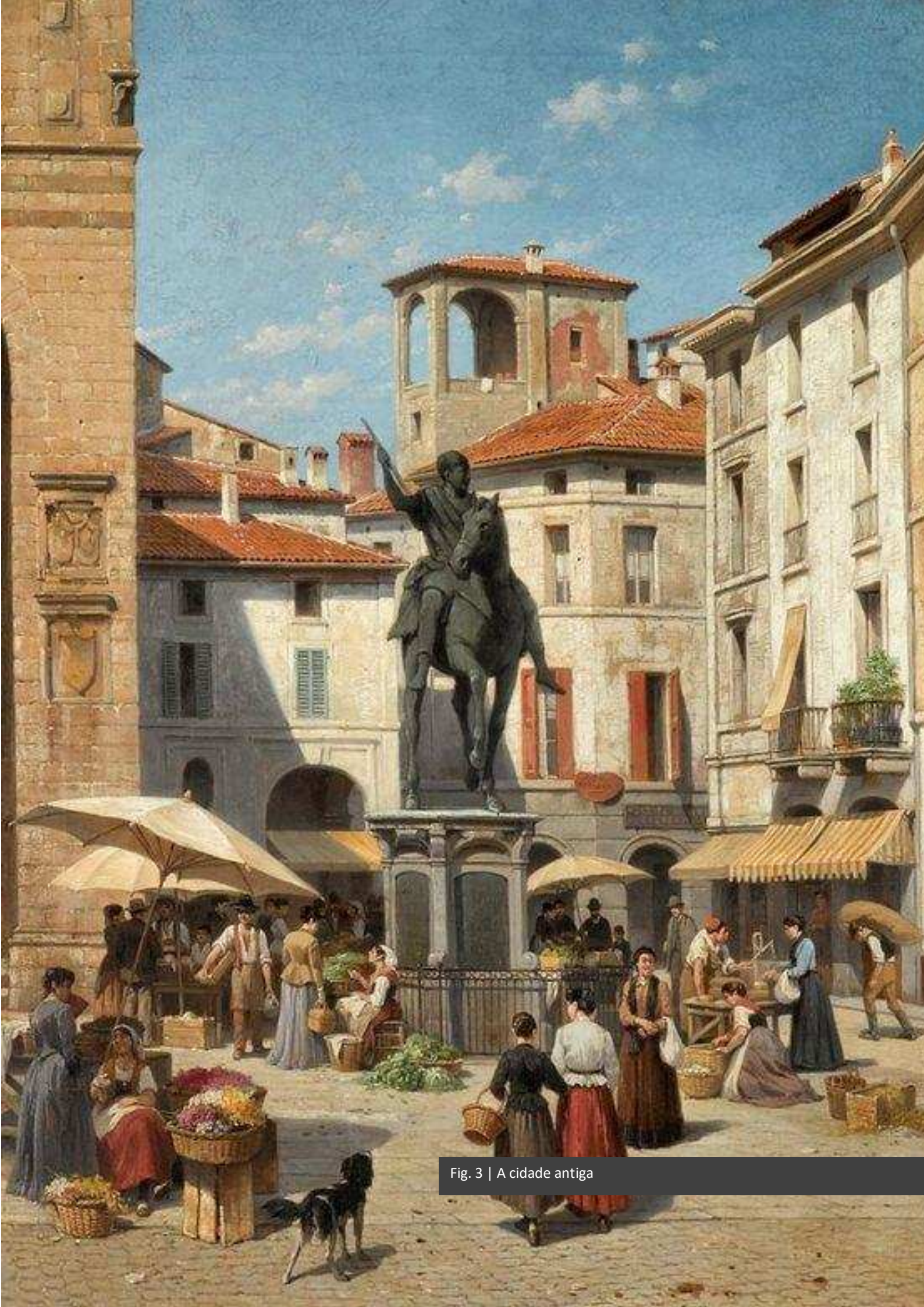


Fig. 3 | A cidade antiga

1.2 | O CAMPO EM SEGUNDO PLANO

Sabemos desde cedo que, através do processo de industrialização e urbanização, as pessoas com capacidades para tal, foram para as fábricas e para as cidades, ou então resolveram emigrar, fazendo isto com que apenas restassem os “...lerdos, os incapazes e os ignorantes.”.

Tal como alguns historiadores radicais apontam, no século XVIII tínhamos presente o “bravo campesinato” e no século XIX o “desalentado proletariado rural”.³³

Raymond Williams, revela a sua opinião relativamente à imagem das medas a serem incendiadas, tendo consciência que esse foi um acontecimento que marcou o campo no século XIX. Assim, acaba por afirmar:

“A história do campo no século XIX é, com frequência, vista por uma perspetiva liberal e condescendente: é a única alternativa aparente à visão reacionária que idealiza o campo e o contrapõe à cidade. Mas, embora o sofrimento e a pobreza fossem intensos e duradouros, havia mais ânimo, mais organização autónoma e, em última análise, mais realizações entre os trabalhadores rurais do que houve no tempo da maioria de seus antecessores, supostamente em melhor situação.”³⁴

Através de uma grande depressão iniciada na década de 1870, que perdurou até 1890, maioritariamente por causa da expansão do mercado e em parte por causa da queda do preço da ração, os produtores de cereais e os pecuaristas saíram a ganhar. Sendo assim, esta mudança do mercado consistiu num redireccionamento da produção agropecuária, acontecendo isto paralelamente a um contexto de crise socioeconómica de uma sociedade rural.³⁵

Esta crise socioeconómica resultou, nas décadas de 1850 a 1890, numa migração das aldeias para as cidades. Não podemos afirmar que houve um esvaziamento do campo, podemos sim dizer que, a população rural não cresceu, enquanto a população urbana

³³ cf. WILLIAMS R. 1973: 252

³⁴ WILLIAMS. 1973: 252

³⁵ cf. WILLIAMS R. 1973: 257

continuou a expandir-se de um modo extraordinário, ocorrendo um aumento geral da população.

“É significativo que as famílias que abandonaram as aldeias nesse período fossem, em primeiro lugar, de trabalhadores sem terra e, em segundo lugar, de muitos dos artesãos mais antigos, os quais estavam sendo prejudicados por novas formas de produção industrial.”³⁶

É aqui que, tal como Raymond Williams, podemos afirmar que podemos e devemos enfatizar o sofrimento destes trabalhadores e das suas famílias, mas ao aceitarmos a visão ortodoxa de que eles eram derrotados e ignorantes, estaremos a ser severamente injustos. O trabalho rural está constantemente a mudar e a evoluir, o que demonstram que, a população que nela habita não é ignorante, atrasada ou até mesmo limitada. São simples pessoas que viveram uma vida de muito trabalho, onde o ensino não fazia parte dos seus dias.³⁷

³⁶ WILLIAMS R.197: 257

³⁷ Ibidem: 267



Fig. 4 | O campo em segundo plano



2 | GARDEN CITY (RAYMOND UNWIN E BARRY PARKER) E VILLE RADIEUSE (LE CORBUSIER)

Quando pensamos em modelos fundamentais, facilmente nos vem à memória a distinção feita por Rasmussen, que afirmou que a “The garden-city and the ville radieuse represent the two great contemporary Styles of modern architecture”³⁸. Quando Rasmussen faz esta afirmação, indica, simultaneamente, que a questão tipológica é aquela que mais se evidencia, relativamente à ideológica, tendo em conta que desta fixou-se no tempo uma imagem possivelmente inalterável.

É possível entender esta afirmação num sentido mais restrito, no entanto, esta estende-se a toda a arquitetura moderna, tendo em conta que não tem apenas um significado historiográfico, servindo até para desmistificar um problema presente. Este problema tem a ver com o valor da residência na estrutura urbana, tendo em conta que os modelos anteriormente mencionados por Rasmussen são bastante explícitos nesta temática, podendo até mesmo dizer que “são os mais claros no que concerne à imagem da cidade.”³⁹

Tendo como ponto de partida o problema anteriormente mencionado facilmente nos vem à memória as Siedlungen berlinenses, ou até mesmo para Frankfurt, sendo que são representantes de uma “...tentativa de fixar o problema da residência num sistema urbano mais complexo...”⁴⁰, resultando também de uma visão ideal da cidade moderna.

Tendo em conta a análise da residência e não esquecendo os dois modelos fundamentais que mencionamos anteriormente, ou seja, garden-city e ville radieuse, é imprescindível equacionar a relação entre algumas das teorias de carácter político e social e tais modelos residenciais.

Com base neste tema podemos facilmente chamar a atenção para Carlo Doglio que elaborou um ensaio sobre o urbanismo na Itália, relativamente à cidade-jardim, começando por esclarecer num dos excertos⁴¹ a relação entre a comunidade local e a democracia, entre a dimensão

³⁸ RASMUSSEN S. E. 1951: 52

³⁹ ROSSI A. 1966: 107

⁴⁰ Ibidem

⁴¹ “Digamos logo que, no caso em exame, a situação é particularmente complexa por causa do emaranhado igualmente conformista e substancialmente reacionário das opiniões favoráveis – por causa de um equívoco que, em suma, não ataca apenas o aspeto formal do problema, mas se estende às suas raízes mais profundas. Quando Osborn, para citar o mais conhecido ativista howardiano, propõe as cidades-jardim como exemplos-piloto de uma reconstrução verdadeiramente moderna e humana dos centros habitados (e, portanto, da sociedade, tenhamos isso bem presente) e condena desdenhosamente os bairros populares de Viena e Estocolmo, contrapõe-lhes a maior validade, seja estética, seja social, que esses bairros tiveram historicamente...; mas, quando as soluções de Letchworth ou de Welwyn são afastadas pelos ruminadores

espacial como momento da vida comunitária e a vida política da comunidade em questão, destacando-se o problema da residência.

Deste modo, destacando-se a concentração e a dimensão, parece que o problema da residência perde a sua importância, respeitando assim as outras funções da vida urbana. Tal como sabemos, tais teorias afirmam que eram na cidade do século XIX que as intervenções de reabilitação, eram usufruídas por todos os cidadãos, sendo que contribuíam de forma positiva para o dia a dia das mesmas.

É neste momento que podemos citar uma das frases de Hellpach, explicando assim o “efeito urbano”, tendo em conta que este se demonstra um promotor da licitude da vida nas grandes metrópoles.

Tendo em conta o que nos disse Willy Hellpach “Para a geração plasmada na grande cidade, esta não significa apenas espaço existencial, lugar de habitação, mercado, mas pode tornar-se biológica e sociologicamente o que de mais profundo pode representar para um homem a cena em que se desenrola a sua vida: a pátria.”⁴²

É possível equiparar essas teorias com os bairros realizados nos últimos sessenta anos. Tal como nos casos ingleses, alemães e italianos, é possível identificar nos nossos bairros a necessidade de repropor comunidades não urbanas, quase que externas à cidade, direcionadas para elas mesmas e para a vizinhança, possuidoras de uma vincada imagem arquitetónica plástica, procurando assim carregar com alguma rigidez os efeitos urbanos. Tudo isto foram experiências de novos conjuntos residenciais, assemelhando-se às propostas dos Smithson, de Lasdun e o conjunto residencial de Sheffield.⁴³

Tendo em conta os arquitetos ingleses, responsáveis por reencontrarem um motivo conciso nos modelos tipológico residenciais, isto quando entenderam que a desagregação dos

do marxismo, não apenas pela forma que assumiram (e pelo conteúdo praticamente imóvel que daí derivou), mas também pelo tipo de proposta estrutural que subentendiam (cidade e campo, descentralização) não se pode deixar de dizer que, apesar de tudo, eram mais vivas aquelas soluções, mais prenes de fermentos e de futuro, do que todas as outras que foram propostas, daquela época até hoje.” (DOGLIO C. 1974: 56)

⁴² HELLPACH W. 1952: 5

⁴³ cf. Rossi A. 1966: 114)

“slums”⁴⁴ comportava a desagregação paralela das comunidades, que tal como o sabemos, viviam perante um nível de densidade elevado.⁴⁵

⁴⁴ Favelas (Tradução nossa)

⁴⁵ Tal como o conhecemos, Smithson foi o responsável pela redescoberta da conceção da rua, sendo que, tal como é possível observar que no projeto de Golden Lane, este propõe a associação de convivências horizontais, dispendo-os assim em três planos, constituídos por vias de acesso pedestres de apoio às residências. (cf. ROSSI A. 1966: 114)

Estes tipos de critérios são claramente expressos no conjunto residencial de Sheffield, encontrando-se situado numa posição mais elevada em relação à cidade e constituído por edifícios bastante imponentes. É possível relacionar com a origem desta intervenção as teorias sociológicas, como por exemplo, através da necessidade de recuperar a rua como palco da comunidade. (ibidem) “... a rua... (é um) palco retangular em que ocorrem encontros, conversas, jogos, invejas, namoros e orgulho...” (LEWIS D. 1962: 7)



Fig.6 | A cidade-jardim. Hampstead Garden Suburb. Plano geral de Raymond Unwin e Barry Parker. 1903.

Fig.7 | A cidade-jardim. Hampstead Garden Suburb. Vista aérea.

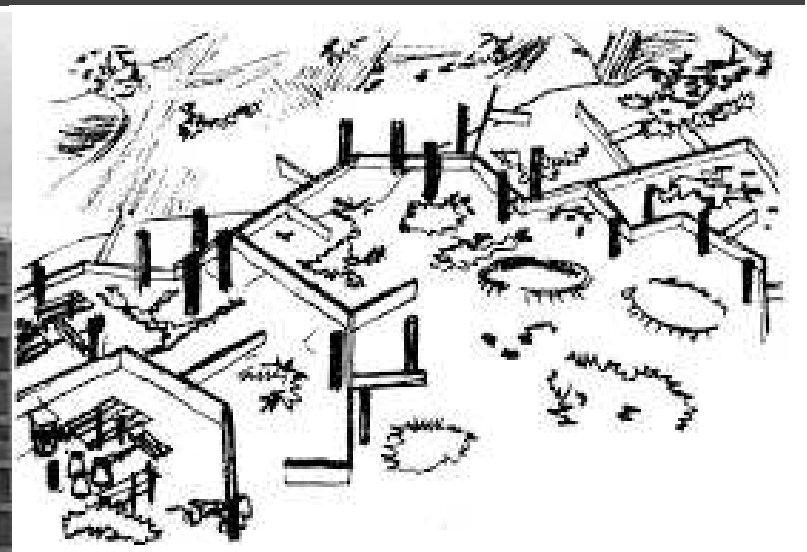


Fig.8 | Conjunto habitacional Sheffield – Park Hill. Jack Lynn e Ivor Smith. 1961

Fig.9 | Golden Lane. Competition project. Alison & Peter Smithson. 1952

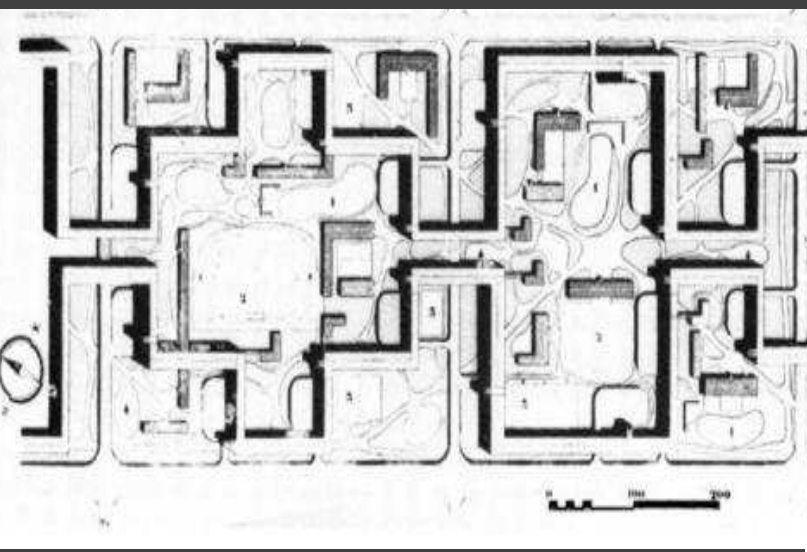
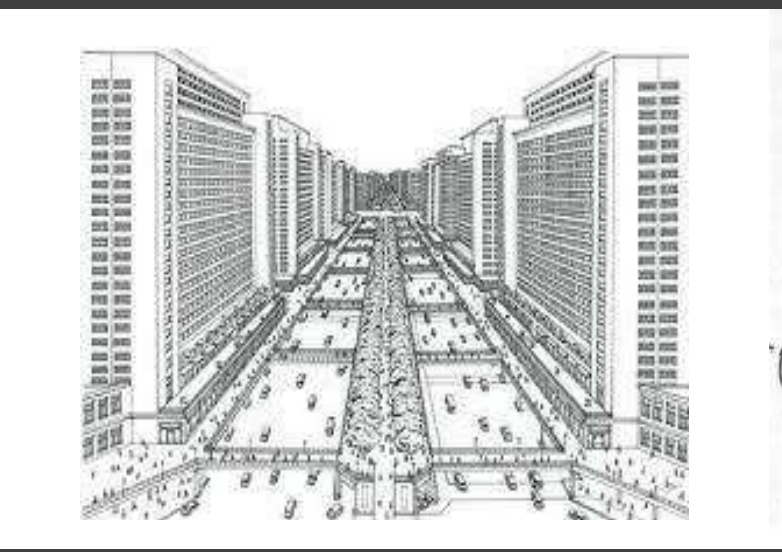


Fig.10 | Ville Radieuse. Perspetiva de Le Corbusier. 1924

Fig.11 | Ville Radieuse. Detalhe plano urbano de Le Corbusier. 1924

2.1 | O “LOCUS”

É importante citar a importância do “*locus*”⁴⁶. Deste modo, é importante lembrar que a escolha do lugar, esteja ele relacionado com uma possível construção ou até mesmo para uma cidade tinha um valor transcendente no mundo clássico, ou seja, o lugar era dominado através do “*genius loci*”, sendo este considerado uma divindade capaz de dominar tudo aquilo que ocorria naquele local.

No entanto, o geógrafo Max Sorre coloca em cena a possibilidade de uma teoria do fracionamento do espaço, existindo “pontos singulares”. O conceito de “locus”, acaba por colocar em destaque condições e qualidades que são determinantes no que diz respeito à compreensão de determinado fato urbano.⁴⁷

Um dos melhores exemplos no qual temos oportunidade de recorrer é o espaço da religião católica, que tal como Aldo Rossi nos explica:

“...esse espaço cobre toda a Terra, porque a Igreja é indivisível; nesse universo, a área singular, seu conceito, passa para segundo plano, assim como o limite ou a fronteira. O espaço é determinado com respeito a um centro único, a sede do papa; mas esse espaço terrestre nada mais é que o momento, uma pequena parte do espaço universal que é o lugar da comunhão dos santos. (...) No entanto, nesse quadro total e indiferenciado, onde o próprio espaço se anula e se sublima, existem “pontos singulares”; são eles os lugares de peregrinação, os santuários, onde o fiel entra em comunicação mais direta com Deus.”⁴⁸

⁴⁶ Este conceito que pretendemos abordar, ou seja, o conceito de “locus” estava presente já nos tratados clássicos, no entanto, foi em Palladio e em Milizia que a sua utilização passou a ter um aspeto de tipo topográfico e funcional. (cf. ROSSI A. 1966: 147)

Viollet-le-Due, chegou até a admitir, a dificuldade de transpor uma obra de arquitetura, tendo em conta que o lugar como espaço singular e concreto fazem parte da ideia geral da arquitetura. (Ibidem: 148)

⁴⁷ Ibidem

⁴⁸ Ibidem



Fig.12 | Geni Loci. 2020

Ao lembrarmos as praças dos pintores do Renascimento, facilmente conseguimos identificar a forma como, o lugar da arquitetura e a construção humana, adquirem um valor geral de lugar e de memória.

Estes tipos de designações estão sem dúvida ligados à nossa cultura histórica, na medida em que estamos habituados a viver a maior parte do nosso tempo em paisagens construídas e alteradas pelo Homem, oferecendo-nos uma maior facilidade de referenciar espaços e lugares através de outros.

Sendo assim, podemos questionar:

Onde se inicia a individualidade de um fato urbano? Na sua forma? Na sua memória? Ou em alguma outra coisa?

Podemos então dizer que este começo está presente no “acontecimento e no signo que fixou o acontecimento”. Mas esta não é uma descoberta que podemos considerar recente, até porque os artistas desde cedo basearam-se em algo original, ou seja, num fato que antecede um estilo.

É exatamente por este motivo que todas as grandes obras de arquitetura são uma reafirmação da arquitetura da antiguidade, no entanto, é reafirmada através de uma individualidade diferente.

É possível manifestar em lugares diversos o pensamento de uma mesma arquitetura. O mesmo se aplica às cidades, que podem partir de um princípio idêntico e mesmo assim serem consideradas singulares.

Recorrendo ao exemplo do Palazzo della Ragione de Pádua, caracterizado pelo lugar escolhido para a sua implantação, tendo este a capacidade de ser mais notável do que as funções e até a história do mesmo.⁴⁹

Deste modo, podemos concluir que muitas das vezes retiramos algumas ilações de um lugar quando o olhamos do outro lado, ou seja, a partir de “aspetos que penetram nele com contornos mais racionais”, no entanto, “mais familiares e conhecidos”.

⁴⁹ (cf. Ibidem: 152)

Que contornos são esses?

“Esses contornos dizem respeito à individualidade dos monumentos, da cidade, das construções e, portanto, ao conceito de individualidade e a seus limites, onde ela começa e onde ela acaba; dizem respeito à relação local da arquitetura, ao lugar de uma arte. E, portanto, aos vínculos e à própria particularização do “locus” como fato singular determinado pelo espaço e pelo tempo, por sua dimensão topográfica e por sua forma, por ser sede de acontecimentos antigos e novos, por sua memória.”⁵⁰

No entanto, esses problemas são, na maior parte dos casos, de natureza coletiva, sendo que, obrigam-nos a pensar sobre o estudo das relações entre o lugar e o Homem e, conseqüentemente, a ver as relações com a ecologia e a psicologia.⁵¹

⁵⁰ Ibidem

⁵¹ cf. Ibidem



Fig.13 | Palazzo della Ragione (Pádua) - 1218



Fig.14 | Palazzo della Ragione (Pádua) - 1218



Fig.15 | Palazzo della Ragione (Pádua) - 1218

2.2 | ECOLOGIA URBANA

É possível afirmarmos que qualquer estudo que seja feito sobre a cidade, tem consequentemente, o discurso da arquitetura em primeiro plano, até porque, a partir da arquitetura é possível atingir uma visão globalizante da cidade, ou seja, uma compreensão da sua estrutura.⁵²

Depois de expormos o conceito de “*locus*” pretendemos introduzir o conceito de ecologia. De que modo o ambiente influencia o indivíduo e a coletividade?

“Max Sorre respondeu que essa pergunta é ainda mais interessante quando formulada junto com sua recíproca: de que modo o homem altera o seu ambiente? Com isso, a ecologia humana muda bruscamente de sentido e abrange toda a história da civilização. Responde mos à pergunta, ou ao sistema que essas duas perguntas forma, quando, no início deste estudo, indicamos as definições da cidade como coisa humana por excelência.”⁵³

No caso da ecologia e da ecologia urbana, a pesquisa apenas tem sentido quando a cidade é observada como um todo, tal como uma estrutura complexa. Acreditamos que de tal modo é possível alcançar resultados interessantes com base na psicologia da Gestalt⁵⁴, iniciadas pela Bauhaus, no que diz respeito à forma e “...tal como são propostas pela escola americana

⁵² Cf. Ibidem:161

⁵³ Ibidem

⁵⁴Sublinhemos que, Gestalt em alemão significa forma.

A Gestal, é uma ciência que estuda a forma como a nossa mente interpreta os estímulos visuais que nos rodeiam. Tal como é possível observar na figura 15, esta psicologia é constituída por oito leis;

1. Pregnância da forma

Esta é a lei base e diz-nos que a construção da forma deve possuir uma estrutura simples, equilibrada homogénea e regular, proporcionando uma rápida leitura e interpretação.

2. Unidade

Este é o primeiro conceito definido, tendo em conta que é o principal elemento que facilita na interpretação da forma. Consideramos unidade a todo o elemento que pode ser compreendido como um só, isolado do que o rodeia, apesar de ser composto por outras partes.

3. Unificação

É através da nossa capacidade de unificação que conseguimos perceber as unidades. Esta trata-se da nossa embocadura para interpretar elementos sendo eles do mesmo grupo.

4. Fechamento

Tendo em conta o estabelecimento de unidades que abordamos anteriormente, dentro dessa capacidade, temos a tendência de procurar sempre o fecho visual de imagens abertas ou vazadas, concedendo à imagem um significado.

5. Proximidade

Temos tendência a interpretar elementos próximos como uma unidade ou partes específicas de uma unidade, ou seja, como sendo eles do mesmo grupo.

6. Continuidade

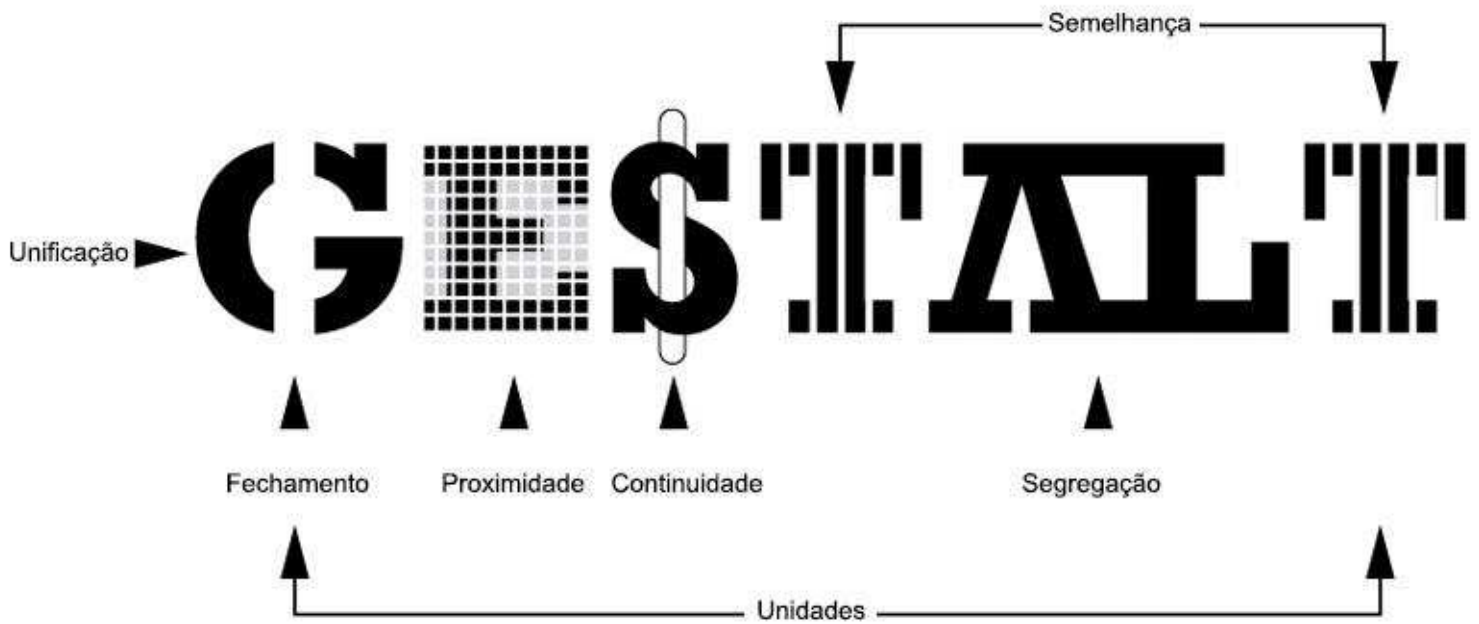
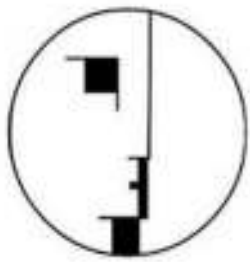
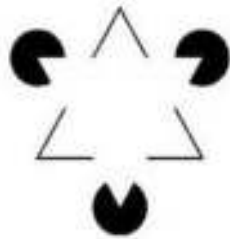


Fig.16 | A psicologia e as percepções da “Gestalt”



SEGREGAÇÃO



CONTINUIDADE



SEMELHANÇA



PREGNÂNCIA DA
FORMA

Fig.17 | A psicologia da “Gestalt”

Tendo em conta a continuidade, esta aborda a nossa preferência por formas sem interrupções, isto porque existe uma maior fluidez, facilitando a previsão de movimento da forma. Ou seja, é mais agradável para a nossa mente uma forma redonda do que uma forma quadrada.

7. Segregação

Esta é a capacidade de separar as unidades de uma imagem. A complexidade e o tempo de observação diante daquilo que vemos, irá influenciar na quantidade de segregações que fazemos.

8. Semelhança

Tal como foi possível constatar anteriormente, um dos fatores que contribui para a unificação dos elementos é a semelhança entre eles. Ou seja, o facto de as características visuais serem idênticas, induzem-nos a interpretá-las como sendo elas da mesma família.

de Kevin Lynch, com a finalidade de confirmar o caráter distintivo dos diversos bairros no interior da cidade.”⁵⁵

Podemos considerar todas as ciências e as artes fenômenos coletivos, tendo em conta que os princípios e os meios de ação de ambos, são elaborados coletivamente ou transmitidos por tradição. No entanto, não podemos considerá-las coletivas em todas as partes essenciais dado que têm indivíduos como promotores.⁵⁶

“Essa relação entre o fato urbano (coletivo) e o indivíduo é única com respeito a qualquer outra técnica ou arte; de fato, cumpre ressaltar que, para se impor como um vasto movimento cultural e ser discutida e criticada fora de um estreito círculo de especialistas, é necessário que a arquitetura se realize, que se torne parte da cidade, que se torne a “cidade”. Em certo sentido, não existem edifícios “de oposição”, pois o que se realiza deve-se sempre à classe dominante, ou, pelo menos, deve surgir uma possibilidade de conciliar certas novas exigências com a realidade urbana específica.”⁵⁷

Existe assim uma ligação entre a arquitetura, enquanto “...formulação de certas propostas e as construções que se colocam na cidade.” No entanto, é indiscutível que essa mesma relação deve ser considerada em seus distintos termos, na medida em que, é possível desenvolver e estudar a arquitetura, no que diz respeito às formas e sucessões lógicas de enunciados, de um modo autónomo relativamente ao estudo do “locus” e da história.⁵⁸

Deste modo, a arquitetura imagina a cidade, sendo assim possível construir no interior de uma cidade ideal, de relações perfeitas e harmoniosas, onde a mesma se desenvolve ao mesmo tempo que constrói os seus termos de referência.

Para além da arquitetura e do desenho em concreto, não podemos colocar de parte os fatos urbanos, a cidade e os monumentos, tal como nos esclarecem os estudos isolados acerca de determinado período, tal como é visível ao estudar Florença do Humanismo, de André Chastel.

Esta Florença do Humanismo, de Chastel demonstra-nos claramente os vínculos de civilização, ou seja, de arte, de história e de política existentes na nova visão da cidade de Florença e as novas técnicas utilizadas na elaboração da mesma.

⁵⁵ Ibidem.

⁵⁶ Ibidem: 162.

⁵⁷ Ibidem. 163.

⁵⁸ Cf. Ibidem.

Ao relembrarmos Palladio e as cidades vênetas, estas encontravam-se determinadas historicamente, transcendendo Palladio como arquiteto. Aqui o conceito de “locus” anteriormente abordado, adquire o seu significado num todo, tornando-se o contexto urbano e identificando-se com o fato em si próprio.⁵⁹

E é neste momento em que perguntamos: Onde começa a individualidade?

“Ela começa no fato em si, na matéria e em suas vicissitudes, e na mente dos elaboradores desse fato. Ela consiste ainda no lugar que determina uma obra, em sentido físico, mas também e principalmente no sentido da escolha daquele lugar e da unidade indissolúvel que se estabeleceu entre o lugar e a obra.”⁶⁰

Compreendemos que a história da cidade caminha paralelamente à história da arquitetura, no entanto a “história da arquitetura é, no máximo, um ponto de vista de que se deve olhar a cidade.” No entanto, a incompreensão deste pensamento fez com que se tornasse necessário o estudo da cidade e conseqüentemente da sua arquitetura, colocando em cena a possibilidade de esta ser entendida através de outras ciências, tal como a psicologia.

“Se nos ocuparmos arquitetonicamente da cidade não apenas do ponto de vista estilístico, não fazê-lo não significa deixar de lado a arquitetura e tratar de outra coisa. Ao contrário, jamais passaria pela cabeça de alguém que, quando os tratadistas nos dizem que os edifícios devem corresponder a critérios de solidez, utilidade e beleza, eles deveriam tratar de nos explicar quais são os móveis psicológicos desse princípio.”⁶¹

Ao relembrarmos Bernini, relembramos também a forma como este criticou Paris, considerando bárbara a paisagem gótica pela qual essa cidade é constituída. No entanto, o que nos importa não é a psicologia de Bernini, mas sim “...o julgamento de um arquiteto, com base numa cultura vasta e precisa da cidade, que julga a constituição de outra cidade.”⁶²

Também é relevante mencionar a visão da arquitetura de Mies Van der Rohe, não com o intuito de saber qual é a atitude do alemão relativamente à cidade, mas com o intuito de

⁵⁹ cf. Ibidem: 164.

⁶⁰ Ibidem.

⁶¹ Ibidem.

⁶² Ibidem: 164-165.

entender qual a “...base teórica e a herança cultural sobre a cidade alemã do classicismo schinkeliano e de outros fatos ligados a ela.”⁶³

⁶³ Ibidem: 165.



Fig.18 | Florença do Humanismo - 2015



Fig.19 | Villa Capra, dita La Rotonda – Andrea Palladio - 1559

Fig.20 | Villa Emo – Andrea Palladio - 1560



Fig.21 | Notre Dame – Arquitetura Gótica - 1345

2.3 | PROBLEMA DA HABITAÇÃO

O problema das habitações foi diagnosticado por Engels, em *La questione delle abitazioni*, no entanto, não é possível centrar a nossa preocupação neste problema com o intuito de solucionar o problema social, até porque, o problema da habitação é um problema técnico, podendo ser resolvido (ou não) com base em determinada situação, mas não é característico da classe operária.⁶⁴

Tal como Engels confirmou, a problemática das grandes cidades precede o período industrial, acabando até por afirmar:

“Esta penúria de habitações não é algo particular da época presente, nem é um mal particular do proletariado moderno que o distinga de todas as classes oprimidas que o precederam; ao contrário, ela atingiu todas as classes oprimidas de todos os tempos de uma maneira bastante uniforme.”⁶⁵

Temos consciência que quando Roma adquiriu as dimensões de uma grande metrópole, o problema das habitações não era menos grave do que aquele que observamos nas cidades de hoje. As condições de habitação eram, no mínimo, desesperadoras, no entanto, tal como nos dizem alguns escritores clássicos, esse problema era preeminente e fundamental, aparecendo até mesmo na política urbana de César Augusto e até alguns imperadores da decadência.⁶⁶

“Problemas desse tipo perduram durante toda a Idade Média; a visão que os românticos nos deixam da cidade medieval contradiz completamente a realidade. Os documentos, as descrições, o que ainda nos resta das cidades góticas evidenciam que a condição de vida das classes oprimidas nessas cidades era das mais tristes da história da humanidade.”⁶⁷

⁶⁴ Cf. *Ibidem*: 240

⁶⁵ ENGELS F. 1887: 25

⁶⁶ cf. ROSSI A. 1966: 241

⁶⁷ *Ibidem*.

Neste aspeto, temos como principal exemplo, a história de Paris e toda a problemática relacionada com o modo de vida urbano das massas proletárias francesas na metrópole, até porque essa caracterização é um de muitos outros elementos decisivos no que diz respeito à revolução, que acaba por se prolongar até ao plano de Haussmann.⁶⁸

“Também nesse sentido, as demolições de Haussmann, seja como for que as queiramos julgar, representam um progresso. Os que se comovem com as demolições da cidade oitocentista sempre esquecem que elas constituem, em todo o caso, uma afirmação, ainda que demagógica e interessada, do espírito iluminista. E que, em todo o caso, as condições de vida dos bairros góticos das velhas cidades, eram algo objetivamente insustentável e que precisava ser mudado, de uma maneira ou de outra.”⁶⁹

Facilmente podemos afirmar que, ninguém que se tenha ocupado da ciência urbana, deixou de conseguir perceber a forma como os resultados mais importantes são obtidos através de estudiosos em que a pesquisa está associada singularmente a uma cidade. Temos assim o exemplo de Paris, Londres, Berlim, que estão indubitavelmente ligadas aos estudiosos: Poète, Rasmussen, Hegemann. É importante mencionar que nessas obras, constituídas por aspetos que as diferem por completo, há algo que têm em comum, ou seja, a relação entre as leis gerais e o elemento concreto da cidade.⁷⁰

“Vale a pena somente recordar que, se a pesquisa específica tem para cada aspeto do pensamento científico aberturas mais amplas do seu objeto específico, no caso da ciência urbana ela apresenta vantagens indubitáveis, porque, seja como for, encara aquele elemento total, tão ligado ao conceito de obra de arte, que é próprio da cidade e que corre o risco de se tornar rígido e opaco, ou mesmo de se perder, numa análise geral.”⁷¹

O facto de não perder de vista a relação com os fatos urbanos e referir sempre, assertivamente, um fato urbano preciso, sem que por esse motivo se torne um historiador, é uma de tantas outras qualidades da obra de Bernoulli, ao contrário do que acontece na de Mumford. Bernoulli tem a capacidade de ver a cidade como uma massa construída, sendo

⁶⁸ Ibidem.

⁶⁹ Ibidem.

⁷⁰ Ibidem.

⁷¹ Ibidem: 242.

que cada elemento pode ter a sua particularidade e as suas diferenças no interior de um plano de conjunto.⁷²

“O bairro como conjunto unitário evoca, na densa polémica do teórico racionalista, os precedentes históricos dos grandes conjuntos de edificações unitários; e é significativo que, ao buscarem um fundamento histórico para a polémica urbana, os racionalistas se dirijam aos grandes teóricos do Renascimento, notadamente a Da Vinci, àquele plano da cidade constituído por um sistema de ruas subterrâneas e canais para o tráfego de cargas e para o serviço no nível do subsolo, tendo acima uma rede de ruas para a circulação de pedestres no nível do térreo das casas. Logo depois vem, com uma sucessão canônica que seria bom estudar em sua ordem classificatória, o projeto dos irmãos Adam: o bairro Adelphi de Londres.”⁷³

O bairro acima mencionado, Adelphi de Londres, situado entre a City e Westminster, era considerado bastante grande para conter um complexo de edificações, com principal enfoque na realização de um sistema de ruas superpostas, sendo que os inferiores estariam ligados à margem do Tâmisia.

É aqui que surge a proposta do bairro de Adelphi, onde apenas dois séculos depois do surgimento dos irmãos Adam, foi possível construir uma parte da cidade e um fato urbano definido.

⁷² Ibidem.

⁷³ Ibidem.



Fig.22 | O problema de habitação – Domus - Roma

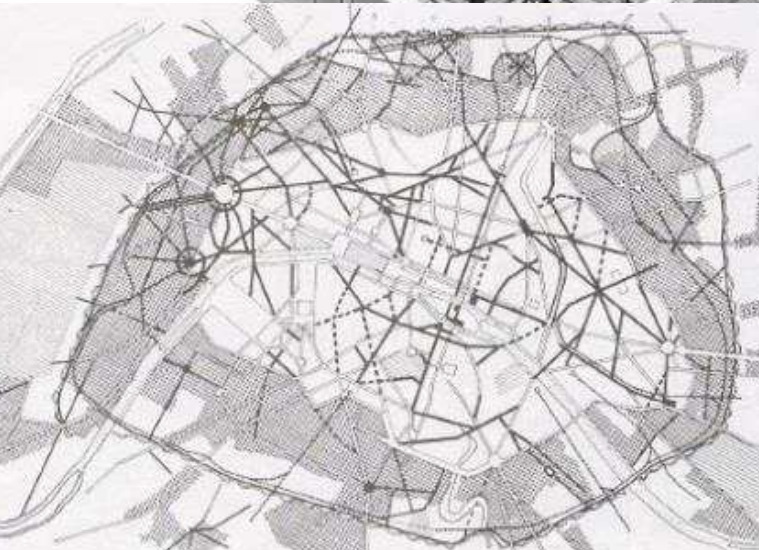


Fig.23 | Plano de Haussmann – Paris – 1853-1882



Fig.24 | Paris – A cidade de hoje



Fig.25 | Edifício Adelphi – Irmãos Adam - 1764

2.4 | DIMENSÃO URBANA

É possível explicar de um modo sintético a gênese da cidade moderna. Numa primeira fase, essa visão tem como principal foco uma problemática que tanto dá que falar nos dias de hoje, ou seja, o termo cidade. Podemos até constatar que esta problemática nasce através do surgimento da indústria, esta que é considerada fonte de todo o bem e de todo o mal, tornando-se a protagonista da transformação da cidade. Esta mudança encontra-se dividida historicamente em três fases:⁷⁴

“Um primeiro tempo, e portanto, a origem da transformação da cidade, pode ser identificado na destruição da estrutura fundamental da cidade medieval, que se baseava na absoluta identidade entre local de trabalho e de habitação dentro do mesmo edifício. Começa, assim, o fim da economia doméstica entendida como unidade de produção e de consumo. A destruição dessa forma de vida básica da cidade medieval conduz a uma cadeia de reações, cujas últimas manifestações se mediriam plenamente na cidade do futuro.”⁷⁵

Simultaneamente, surgem as moradias dos trabalhadores, as casas de aluguer, surgindo assim o problema da habitação, sendo considerado um problema urbano e social. Podemos até mesmo afirmar que, o que distingue espacialmente essa fase de todas as outras é a “ampliação da superfície urbana”, tendo em conta que a residência e o local de trabalho encontram-se escassamente subdivididos na cidade.⁷⁶

“O segundo tempo, decisivo, começaria com a progressiva industrialização, provocando a separação definitiva entre residência e trabalho e destruindo a relação de vizinhança. O aparecimento dos primeiros meios de trabalho coletivo permite escolher uma habitação que não se encontre na vizinhança imediata do local de trabalho.”⁷⁷

Tendo em conta a evolução acima mencionada, podemos considerar a divisão entre os locais de trabalho produtores de mercadoria e os não produtores, ou seja, existindo assim uma separação entre aquilo que é produção e aquilo que é administração.

⁷⁴ Ibidem: 247.

⁷⁵ Ibidem.

⁷⁶ Ibidem.

⁷⁷ Ibidem.

É através desta mesma divisão que surge a cidade, originando interdependências concretas entre escritórios, impulsionando de forma notória a necessidade de contato entre os mesmos. Por exemplo, no caso da administração central de um complexo industrial, esta procura uma maior proximidade dos bancos, da administração política e das companhias de seguros do que propriamente do local de produção. Tendo em conta que essa concentração, num primeiro momento, apenas se manifesta no centro da cidade, nesse caso, as áreas são suficientes.⁷⁸

“A terceira fase da mudança da cidade começaria com o desenvolvimento dos meios de transporte individuais e com a plena eficiência de todos os meios de transporte destinados ao trabalho. Esse desenvolvimento deveria resultar não apenas da maior eficiência técnica, mas também da participação económica das administrações públicas no serviço de transportes. A escolha dos locais de residência torna-se cada vez mais independente dos locais de trabalho. Ao mesmo tempo, desenvolvem-se as atividades de serviço que tendem a localizar-se no centro, adquirindo uma importância predominante. Em contraposição, é cada vez mais intensa a busca de casas de moradia fora da cidade, no campo limítrofe.”⁷⁹

É a partir deste momento que, a relação de localização existente entre o trabalho e a habitação começam a possuir um papel cada vez menos relevante, na medida em que quem habita a cidade ou a ela é relativo passa a deslocar-se para qualquer parte do território através de movimentos pendulares.⁸⁰

“É lógico que o extraordinário desenvolvimento das cidades nos últimos anos, os problemas de urbanização da população, de concentração, de aumento da superfície urbana, tenham-se colocado com preeminência aos olhos dos urbanistas e de todos os estudiosos das ciências sociais que tratam da cidade. Esse desenvolvimento, a maior dimensão, é perceptível um pouco em toda parte, é um fenómeno comum às grandes cidades; em alguns casos, ela tem uma relevância extraordinária. Para definir a região da costa nordeste dos Estados Unidos entre Boston e Washington, de um lado, e entre o Atlântico e os Apalaches, de outro, Jean Gottmann empregou o termo megalópole, já cunhado e ilustrado por Mumford. Mas se este

⁷⁸ Ibidem: 248.

⁷⁹ Ibidem.

⁸⁰ cf. Ibidem: 249.

é o caso mais clamoroso da maior dimensão da cidade, não menos importantes são os casos de expansão das grandes cidades europeias.”⁸¹

As diversas expansões que a cidade foi sofrendo ao longo dos tempos resultam em material útil para o estudo da mesma.

Minimizar os problemas metropolitanos a problemas de dimensão significa ignorar completamente a existência de uma ciência da cidade, ou seja, é o mesmo que ignorar a verdadeira estrutura da cidade e as condições de evolução da mesma. Sendo assim, a leitura da cidade que propomos ao longo do presente capítulo, através de elementos primários, fatos urbanos constituídos e áreas de influência, é responsável pelo estudo do crescimento da cidade, sem que a dimensão alterada coloque em causa as leis de desenvolvimento.⁸²

⁸¹ Ibidem.

⁸² cf. Ibidem: 250

Fig.26 | A cidade na Era industrial – Gustave Doré - 1872





Capítulo III - A cidade e a urbanidade | Fig.27

3. | A CIDADE NO DIÁLOGO ENTRE DISCIPLINAS

Ao longo dos tempos, a cidade tem sido estudada por diversas ciências. Tendo em conta todas elas, tanto a mais “...proveitosas...” como as mais “...conflituosas...” iremos apenas debruçar-nos nas do campo das ciências sociais, que têm como foco principal a antropologia urbana, com a sociologia como campo de interação. Iremos abordar o contexto urbano, redefinido pelo “...ciclo da modernidade ocorrido em meados do século XIX...”, marcado pelo “...desenraizamento populacional do campo, pela industrialização e pelas mudanças fisonómicas e socioculturais...” que, inicialmente em Paris, marcaram a “...emergência da cidade moderna...”.⁸³

Através da Escola de Chicago, surge uma reflexão voltada para as “...especificidades empíricas e territoriais da esfera urbana...”, onde acaba por nascer o conceito de cultura urbana.⁸⁴

Tal como menciona Carlos Fortuna:

“Nas primeiras décadas do século XX, investigações tomaram tal metrópole como “laboratório de mudança social”, com enfoque nas áreas da migração, segregação étnica, marginalidade, prostituição e delinquência, baseadas num amplo programa de pesquisas formulado por Park (1987 [1916]), que difundiu de forma eclética as ideias de Simmel, articulando-as a influências durkheimianas, como um conceito de região moral, relativo a determinadas áreas urbanas que aglutinaram grupos de interesse, tipos vocacionais ou grupos étnicos específicos.”⁸⁵

No entanto, no caso da sociologia, autores da corrente marxista desenvolvida em França, criticavam o culturalismo da Escola de Chicago e também a ausência de “...reflexões mais claras de acordo com dimensões determinantes no plano da economia e da política...”, tratando assim a cidade como uma “variável dependente”.⁸⁶

⁸³ cf. FORTUNA C. 2009: 54

⁸⁴ cf. Ibidem: 55

⁸⁵ Ibidem.

⁸⁶ cf. Ibidem: 56

É importante ressaltar a contribuição de grande relevância da micro-história, inicialmente “...italiana...” e depois “...francesa...”, nas abordagens sobre a cidade, principalmente em relação à possibilidade de superação da oposição entre “macro” e “micro”.⁸⁷

“Com ênfase na prática dos atores sociais e nas capacidades interpretativas situacionais e diferentes dos mesmos, e atenta aos processos de estruturação da sociedade através da interação, em outras palavras, ao pensar a sociedade como uma categoria da prática, tal perspectiva analítica coloca em evidência o princípio da variação da escala, variação essa que é estabelecida, em primeiro lugar, pelos próprios atores sociais (Lepetit, 1998 [1993])”⁸⁸

⁸⁷ cf. *Ibidem*: 59.

⁸⁸ *Ibidem*.



Fig.28 | A cidade no diálogo entre disciplinas

3.1 | SEGREGAÇÕES URBANAS

Entendemos o conceito de segregação como uma “...ideia de separação de determinados grupos sociais no espaço das sociedades, como um reflexo ou manifestação das relações sociais, das normas e códigos de conduta vigentes.”⁸⁹

Mais uma vez, temos presente a Escola de Chicago, que desenvolveu a análise social do espaço, nos primeiros anos do século XX, através de estudos desenvolvidos inicialmente por Robert Park e Ernest Burgess, responsáveis por trabalharem a hipótese da ecologia social, de forma a explicarem a distribuição da população nas cidades.⁹⁰

Num primeiro momento, partiram da ideia da existência de “áreas naturais”, sendo que a partir delas, eram constituídas comunidades homogêneas, com valores próprios e relações simbólicas específicas.⁹¹

“Segundo Park (1926), essas “áreas naturais”, eram encontradas em todas as cidades americanas “de certo tamanho” e o modelo da ecologia seria a principal característica das cidades, organizadas por círculos concêntricos, por onde se distribuía as atividades administrativas, comerciais, industriais e residenciais. A existência de um “modo de vida urbano” (Wirth, 1928) seria decorrência dessa morfologia espacial, que permitia identificar as comunidades que viviam nas cidades, constituindo unidades de vizinhança com suas redes de ajuda mútua e relações sociais fundadas na reciprocidade.”⁹²

Através da análise acima descrita, Wirth dá continuidade a algumas das questões já mencionadas por Georg Simmel, acrescentando novas contribuições:

“A principal referia-se à superação da dicotomia rural-urbano, na medida em que apresentava o rural e o urbano não como mundos opostos, caracterizados por espaços e, sobretudo, modos de vida distintos, mas como mundos em contato permanente e cada vez mais interpenetrados.

⁸⁹ cf. Ibidem: 115.

⁹⁰ cf. Ibidem: 116.

⁹¹ Ibidem.

⁹² Ibidem.

Apresentou o processo de urbanização e “urbanismo” como um modo de vida que transpõe as fronteiras da cidade trazidas pelos migrantes, pelos habitantes de origem rural, com os seus valores e comportamentos que se fundiram àqueles presentes na cidade.”⁹³

Tendo em conta os estudos iniciados pela Escola de Chicago, estes inspiraram, nas décadas de 1960 e 1970, alguns trabalhos importantes, que através de uma “...revisão crítica de base marxista...” influenciaram visivelmente a “...Sociologia Urbana, a geografia e a Economia Política, instaurando o debate interdisciplinar no estudo do espaço urbano.”⁹⁴

No caso da Sociologia Urbana, esta considera o papel do Estado como “...um dos agentes sociais que mais contribuem para a estruturação urbana. Neste caso, os autores marxistas sugerem que o Estado não seja apenas considerado um “...agente que atua de maneira técnica, mas cujas ações se orientam por imperativos ideológicos.”.

Deste modo, o Estado passaria a ter um papel central na divisão social do espaço nas cidades, passando a ser representante dos interesses da classe dominante.⁹⁵

Um dos aspetos que também é importante para a análise sobre a segregação é a “...formação de espaços com alto grau de homogeneidade social, tanto em áreas ricas e prestigiadas da cidade, como em locais deteriorados, com grande concentração de pobres.”⁹⁶

No caso das áreas segregadas de baixo prestígio, a segregação residencial encontra-se ligada à exclusão social, “...criando um círculo vicioso de difícil superação.” Essas áreas da cidade são marcadas por índices de desemprego altíssimos, principalmente na faixa etária mais jovem e, não esquecendo também, “...um quadro acentuado de desagregação familiar, de consumo de drogas e de criminalidade.” (ibidem)

Tal como aponta Carlos Fortuna, existem dois fatores responsáveis por esta situação:

⁹³ Ibidem.

⁹⁴ cf. Ibidem: 117.

⁹⁵ Ibidem.

⁹⁶ Cf. Ibidem: 119.

“A primeira refere-se a mudanças ligadas à reestruturação produtiva e ao aumento da competitividade entre os mercados, geradas pelos mecanismos da globalização. Tais mudanças causaram a eliminação de postos de trabalho, o estabelecimento de cadeias produtivas multinacionais, o desmonte do sistema de proteção previdenciária e dos contratos coletivos de trabalho e o aumento da informalidade.

A segunda ordem de mudanças, internas à metrópole e de caráter marcadamente espacial, vincula-se a fatores ligados à condição de classe e à ruptura de barreiras discriminatórias, que possibilitou a fuga, para outras áreas da cidade, dos grupos negros de maior renda. Permaneceram assim, nas áreas centrais deterioradas, apenas os indivíduos marcados pela exclusão, num processo de segregação fundado não só na etnia, mas sobretudo na pobreza (Lopez, 2005).”⁹⁷

De modo a concluir, devemos mencionar que, os estudos de segregação espacial, ao partirem de “...referenciais teóricos distintos...” acabam por apontar para as “...consequências negativas do isolamento involuntário de grupos sociais em determinados espaços das cidades, quaisquer sejam as causas desse tipo de isolamento.”⁹⁸

“Nos casos de isolamento voluntário dos grupos de alta renda em condomínios residenciais, as desvantagens podem ser apontadas em relação às limitações impostas às formas de sociabilidade...”⁹⁹

“O conhecimento aprofundado da segregação espacial e de suas manifestações nas cidades constitui um importante instrumento para subsidiar políticas públicas que tenham por objetivo combater a expansão desse fenômeno e dos processos sócio-espaciais a ele associados.”¹⁰⁰

⁹⁷ Ibidem: 120.

⁹⁸ cf. Ibidem.

⁹⁹ Ibidem.

¹⁰⁰ Ibidem.



Fig.29 | Segregações urbanas

3.2 | ESPAÇOS E VAZIOS URBANOS

Começamos por dizer que, o vazio urbano não é, de todo, o oposto do espaço urbano. Espaço e vazio são “...contínuos, indissociáveis e incompreensíveis...” um sem o outro. O espaço urbano é constituído por usos e sentidos, mas também por “...imagens e construções mentais associadas à vida cidadina.”. Podemos também considerar o urbano, um “...espaço de liberdade e possibilidade do vício.”¹⁰¹

É importante termos consciência que o vazio urbano está associado ao processo de desindustrialização, sendo assim, “...os vazios urbanos estendem-se não apenas pelas antigas indústrias, pelos galpões desativados, minas abandonas, lixões ou depósitos de resíduos, e todo o tipo de infraestruturas de transporte como ferrovias e antigos portos. Estendem-se pelos empreendimentos que um dia forma desativados, sofreram a ação do tempo e, com a conseqüente degradação natural, transformaram-se em zonas consideradas mortas.”¹⁰²

Através do avançar do século XX, temos consciência que esta é uma das realidades das grandes cidades.

O tema relativo aos “espaços vazios” é bastante abordado por toda a parte, inclusive, este foi um tema abordado na Trienal de Arquitetura em Lisboa, onde foi possível observar que em todos os textos, (tanto os do catálogo da exposição, como os que foram produzidos para o evento, ou seja, os da página oficial) tinham presente a ideia de que “...todas as cidades geram essas interrupções, esses distúrbios de espaço em sua malha, e de que se devia atuar forçosamente sobre eles.”¹⁰³

Nesses textos, também era possível identificar o surgimento dos vazios como se de um convite “...para a experimentação urbanística e artística...” se tratassem. Neste caso, essas áreas urbanas “...constituíam uma oportunidade para requalificações, reconversões, novos usos.”. Não eram nunca consideradas um lugar. “São, para usar a expressão de um desses textos, “palco de operações.”¹⁰⁴

¹⁰¹ cf. Ibidem: 127.

¹⁰² Ibidem: 129.

¹⁰³ cf. Ibidem: 130.

¹⁰⁴ Ibidem.

Podemos assim considerar, que existência de tais espaços é uma “...doença a ser sanada, um erro a ser corrigido, um dano urbano.” Devemos ter consciência que estas são áreas com “...oportunidades de desenvolvimento económico, de reestruturação urbana, de transformação da imagem da cidade, de locais possíveis para investimentos.”¹⁰⁵

Dois conceitos herdados da reflexão historiográfica são, os conceitos de “memória” e “esquecimento”, oferecendo-nos assim a possibilidade de espelhar a relação entre espaço urbano e vazio urbano. A memória não é o oposto ao esquecimento, tendo em conta que para que seja possível nos lembrarmos de algo, é preciso esquecer.¹⁰⁶

“Eis a chave para trabalhar o conceito de memória de uma forma que foge ao dever moral e ao dever de identidade: é o esquecimento que nos faz lembrar.

Há esquecimento onde houver rastro. O esquecimento não é apenas o inimigo da memória – ou da história: ele é emblemático da vulnerabilidade de toda a condição histórica (Ricouer, 2008:300). É preciso aprender a esquecer para se continuar vivo, pela necessidade da vida e da ação, como queria Nietzsche em sua Segunda Consideração Intempestiva (ou Extemporânea).”¹⁰⁷

Assim, podemos concluir que, os vazios urbanos “...não são a memória monumental, da celebração de eventos ou feitos, das glórias nacionais; ou a memória dos vencidos.” Os vazios urbanos “...são a memória difusa, quase anónima.” Os vazios urbanos são a “...memória difícil.”¹⁰⁸

¹⁰⁵ cf. Ibidem: 131.

¹⁰⁶ cf. Ibidem: 132.

¹⁰⁷ Ibidem: 133.

¹⁰⁸ cf. Ibidem: 134.



Fig.30 | Espaços e vazios urbanos

3.3 | ESPAÇOS PÚBLICOS NA PÓS-MODERNIDADE

Existe uma notória relação entre a “...chamada condição pós-moderna...” e a vida urbana contemporânea, no entanto não podemos ignorar os diferentes níveis de ressonância cultural advindos dos “...processos de desterritorialização que atingem as diferentes cidades no mundo”. Esta desterritorialização urbana e estética “...reconhece o sentido predominantemente desordenado da cultura urbana contemporânea.”¹⁰⁹

É possível analisar, a nova experiência urbana na pós-modernidade, como a “...expressão radicalizada da ideia de Simmel...”, relativamente ao crescente individualismo da vida moderna. Deixa de ser visível no contexto contemporâneo a visão moderna de um indivíduo isolado no meio da multidão.¹¹⁰

A cultura urbana contemporânea é marcada por uma sociedade de consumo, tendo em conta a “...saturação das imagens e os apelos estético-visuais, seja pela excessiva distinção dos bens de consumo que reafirmam a diferenciação e rompem hierarquias simbólicas, antes claramente demarcadas, ou ainda pela apropriação da mídia eletrónica da cultura de consumo em massa ao estilo da pop art.”¹¹¹

“A noção de espaço público a partir do qual pretendo sugerir a adjetivação complementar “intersticial” deve ser aquele já sugerido em outro momento, que o define a partir das interfaces entre os conceitos de esfera pública, e de espaço urbano. Essa noção de espaço público, em distinção aos conceitos de esfera pública e espaço urbano, contempla as relações de reciprocidade causal entre a construção social do espaço e a espacialização das ações sociais.”¹¹²

A cultura urbana contemporânea expressa “...relações de poder, tensões e disputas que caracterizam a vida social, qualificando e diferenciando certos espaços da vida urbana cotidiana como espaços públicos.”¹¹³

¹⁰⁹ cf. Ibidem: 190.

¹¹⁰ cf. Ibidem: 192.

¹¹¹ Cf. Ibidem: 194.

¹¹² Ibidem: 199.

¹¹³ cf. Ibidem: 200.

Tendo em conta que essas identidades precisam de afirmar publicamente as suas diferenças, entendemos assim que, as “...ações interativas acontecem mediante uma comunicabilidade política do desentendimento.”¹¹⁴

Temos consciência que, seria preferível que essa “...comunicabilidade do desentendimento resultasse em uma relação interativa comunicativamente consensual.”¹¹⁵

Era tudo bastante mais simples se as pessoas e os grupos aceitassem a diferença e se dispusessem a conviver com o próximo, mas a verdade é que nem sempre é assim, parecendo até que “...estão a solapar a vida pública na cidade contemporânea. Contudo, creio que não resta dúvida que é ainda preferível a possibilidade de desentendimento à possibilidade do encontro.”¹¹⁶

¹¹⁴ cf. Ibidem: 200.

¹¹⁵ cf. Ibidem: 200.

¹¹⁶ cf. Ibidem.



Fig.31 | Espaços públicos na pós-modernidade



4 | PAISAGEM NATURAL E PAISAGEM URBANA

Ao pensarmos em paisagem, num primeiro momento, o que nos vem ao pensamento com maior facilidade é a paisagem natural, isto, tendo em conta que, para alguns a paisagem é sinónimo de natureza. Sendo a natureza concebida como paisagem e entendida, em geral, como paisagem natural, este é um sinal do lugar que ocupa a natureza na nossa cultura.

Por cultura, entendemos sensivelmente, que a cultura moderna ocidental, “...cuyo modelo se extiende progresivamente por el mundo, hasta tal punto que se ha llegado a creer que la ciudad moderna occidental *es* el mundo.”

A paisagem natural surge como um “...fenómeno de *compensación*...” ao excesso da cidade moderna ocidental. Sendo assim, e continuando com a mesma linha de pensamento, a paisagem natural também compensaria o excesso da cidade contemporânea.

“A la vez, el paisaje natural es un excedente de la urbe contemporánea; hace parte también de su exceso, no simplemente como uno de sus productos, efectos o logros, sino también, y paradójicamente, como aquello que la produce, al trazar sus contornos, al llenar sus espacios e, incluso, al hacer posibles los conceptos con los cuales la pensamos, como cuando hablamos, por ejemplo, de “la selva de cemento”. Sin paisaje natural, sin esse excedente, que también es un exceso, no hay urbe contemporánea, no hay ciudad moderna occidental. Operando bajo la extraña lógica del suplemento – el concepto es de Derrida- que completa lo que parecía completo, que sustituye aquello que era insustituible, el remedio para la enfermedad de la ciudad que es el paisaje de la urbe en su pretendida pureza cultural y, en ocasiones, amenazando la ciudad misma.”¹¹⁷

Sendo assim, podemos afirmar que a paisagem não está dentro nem fora da cidade. Considerando-a como cenário para a ação humana e como objeto de contemplação visual, acaba por ficar subordinada às preocupações e às necessidades do ser humano, não esquecendo também as lógicas da vida social, o espaço da cultura, a cidade, a civilização e a política. É aqui que se destaca uma conceção do espaço da paisagem natural como depósito de bens para o ser humano e mera representação visual.¹¹⁸

¹¹⁷ LARA E. 2008: 82.

¹¹⁸ cf. Ibidem: 83.

“Por ello, pensar el paisaje no natural requiere no sólo un desplazamiento de las fronteras entre los conceptos de paisaje natural y paisaje urbano – trabajo que ya está supuesto en la noción común de paisaje -, sino también un distanciamiento del paisaje como imagen – de aquellas consideraciones estéticas que le otorgan un lugar destacado a la mera perspectiva, la contemplación y la observación -, al mismo tiempo que del paisaje como fuente de bienes y marco de acciones.” ¹¹⁹

¹¹⁹ Ibidem.

4.1 | A CONSTRUÇÃO VISUAL DA PAISAGEM

Ao distinguirmos a natureza técnica ou tecnológica do dispositivo que regista a paisagem, estamos a constituir uma ...” característica da semiótica...” o que significa que, esta se vai alterando “...conforme o registo que permite a sua identificação e que lhe confere sentido.”

Toda a imagem é construção, é uma parte que vale por um todo, é uma imagem que substitui um espaço. As diversas “...dimensões tecnológicas de dispositivos de reprodutibilidade da imagem...” substituem o “...espontâneo visual...”, podendo considerar-se assim, uma “...visualidade que dá origem a outra e especial dimensão da imagem...” podendo ser considerado fragmento que pode esconder ou revelar o todo.¹²⁰

Sabemos desde cedo que sem essas fragmentações, não existe paisagem, “...pois ela não se dá a conhecer senão nas suas partes e nas dimensões que a registam.”¹²¹

“Se de um lado, a paisagem é manifestação da atualidade de um cotidiano que, enquanto tempo vivido, utiliza os dispositivos técnicos do registo para se tornar memorável; de outro lado, as tecnologias contemporâneas que se concretizam em fotografias, cinema, vídeo, televisão ou digitalização lhe permitem apresentar-se como espacialidade tecnológica que lhe concede um tempo de permanência.”¹²²

No caso da paisagem urbana, “...na dimensão fenomenológica das cidades mundiais, é reconhecida como metonímia turística nas distintas dimensões que vão dos preparativos da viagem aos registos das paisagens visitadas.”

No mundo contemporâneo, é impossível a existência de paisagem, se não existir a cidade, no entanto, também não paisagem “...além das possibilidades oferecidas pelo registo tecnológico que se transforma em expansão do corpo, da sensibilidade, dos olhos, das mãos ou das possibilidades económicas.”¹²³

¹²⁰ cf. FERRARA L. 2012: 46.

¹²¹ Cf. Ibidem.

¹²² Ibidem.

¹²³ Ibidem.

“Se a tecnologia é filha da competência que se desenvolve como resposta ao desafio da vida urbana, a paisagem registrada é a forma como se manifesta a visualidade da cidade.”¹²⁴

¹²⁴ Ibidem.



Fig.33 | Paisagem urbana

4.2 | GORDON CULLEN E A PAISAGEM URBANA

Tendo em conta o conceito de paisagem de Gordon Cullen, podendo-o considerar simples e objetivo, é uma das propostas mais utilizadas vulgarmente, ou até mesmo por especialistas, para avaliar os espaços urbanos.

De acordo com o pensamento de Cullen, a paisagem urbana “...é a arte de tornar coerente e organizado, visualmente, o emaranhado de edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente urbano.” Este é um conceito que foi elaborado em 1960, exercendo desde então, uma forte influência em arquitetos e urbanistas.¹²⁵

Para que fosse possível a exata estruturação deste conceito, Cullen recorreu a três aspetos:

“O primeiro é a ótica, que é a visão serial propriamente dita, e é formada por perceções sequenciais dos espaços urbanos, primeiro se avista uma rua, em seguida se entra em um pátio, que sugere um novo ponto de vista de um monumento e assim por diante. O segundo fator é o local, que diz respeito às reações do sujeito com relação a sua posição no espaço, vulgarmente denominado sentido de localização, “estou aqui fora”, e posteriormente, “vou entrar em um novo espaço”, e finalmente, “estou cá, dentro”; esse aspeto refere-se às sensações provocadas pelos espaços; abertos, fechados, altos, baixos, etc. O terceiro aspeto é o conteúdo, que se relaciona com a construção da cidade, cores, texturas, escalas, estilos que caracterizam edifícios e setores da malha urbana.”¹²⁶

Considerando o conceito de paisagem um elemento organizador, Cullen relaciona as paisagens urbanas a alguns temas, alguns deles exemplificaremos a seguir, através de ilustrações e conteúdos maioritariamente explicativos. É precisamente a fusão entre imagens e teor conceitual que caracterizam a proposta de Cullen.¹²⁷

Partindo dos recintos, pátios e pracetas, estes são espaços urbanos interiores, que são caracterizados pelo sossego e pela tranquilidade, onde os movimentos não são tão notórios. É evidente a existência de uma praceta, ao qual também podemos chamar de recinto ou pátio, de escala humana, encontrando-se pontuado por árvores e bancos, incentivadores de contato humano.¹²⁸

¹²⁵ cf. ADAM R. 2008: 63

¹²⁶ cf. Ibidem: 64.

¹²⁷ cf. Ibidem.

¹²⁸ Ibidem.

De seguida, no caso do ponto focal, este é um símbolo de convergência, definidor da situação urbana. Cullen considerava que as pessoas, perante um ponto focal “...afirmavam: “É aqui” “Pare”.” É um elemento de muita força que se apresenta de forma isolada e marca a diferença pela sua verticalidade.¹²⁹

Uma das características notórias é a perspectiva grandiosa, onde a paisagem funde, num primeiro momento, o plano ao longínquo, transmitindo uma sensação de imensidão, de grandiosidade e onipresença.¹³⁰

Por último, o animismo, que consiste numa configuração poética em que, “isto é, aquilo”, dando a sensação de que a porta é um rosto, ou, por exemplo, que a fachada é um rosto e que a porta é a boca, as janelas os olhos, e assim por diante. Uma manifestação de animismo pode provocar uma certa estranheza e até mesmo irritabilidade, sendo, exatamente por isso, muito utilizado no expressionismo.¹³¹

É importante referir que, a proposta de Cullen, ao contrário de muitas opiniões, “...revela-se como um registo interativo entre perceção humana, teoria da arquitetura e urbanismo e os espaços urbanos construídos.”¹³²

Relativamente ao sistema proposto por Cullen para análise, estudo e intervenção, podemos citar:

- “a) a articulação na observação tanto de princípios organizadores de ordem geral, quanto de princípios particulares de ordenação;
- b) a rapidez de processamento na perceção da paisagem, pela facilidade de interação entre sujeito e objeto, interação essa que se torna atraente porque envolve os sentimentos e as emoções com que o sujeito deflagra a paisagem e isso desperta o espírito de *flâneur*, por meio do qual o indivíduo percorre a cidade com caminhar e olhar poéticos de renovados matizes;

¹²⁹ cf. Ibidem: 65.

¹³⁰ cf. Ibidem.

¹³¹ cf. Ibidem.

¹³² cf. Ibidem: 66.

c) como suporte faculta elaborar em uma linguagem síntese vários elementos, dados e referenciais históricos, socioculturais e espaciais das cidades por meio de notas, fotos, documentos, croquis, imagens, desenhos e conteúdos teóricos.”¹³³

É importante mencionar que “...a ideia de paisagem urbana por vezes focalizada, fragmentada e fortemente embasada na interface entre percurso, faculdade visual e emoções...” encontra-se abordada no “city marketing” de algumas cidades, “...como paisagem urbana idealizada, e ainda como paisagem mental manipulada.”¹³⁴

Assim, podemos concluir que, o que existe de mais precioso na proposta de Cullen é o “...estímulo que promove à percepção da cidade pois esteja o sujeito no espaço que for e em qualquer velocidade de apreciação, pode fruir poéticas urbanas nem sempre valorada.”¹³⁵

¹³³ Ibidem.

¹³⁴ cf. Ibidem: 67.

¹³⁵ Ibidem.

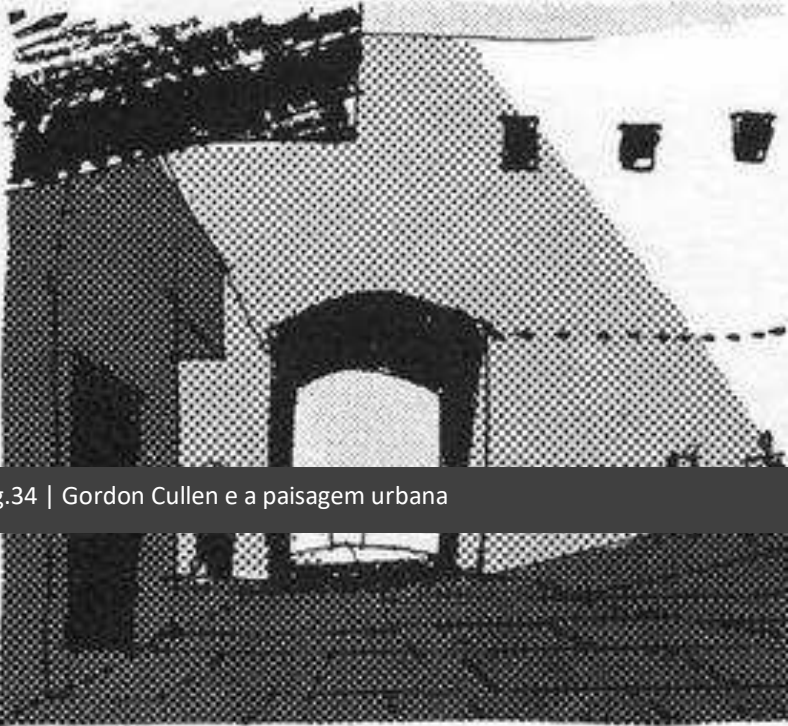
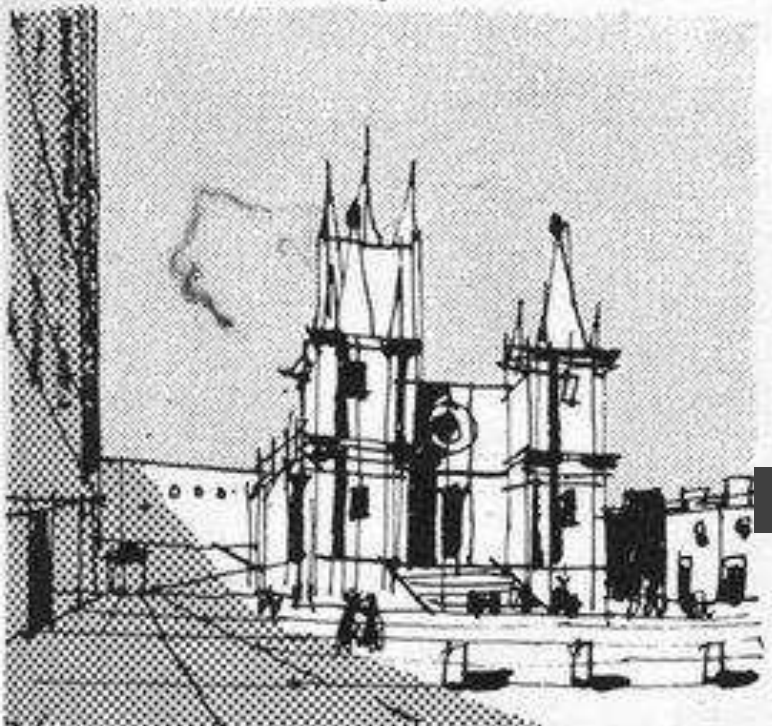
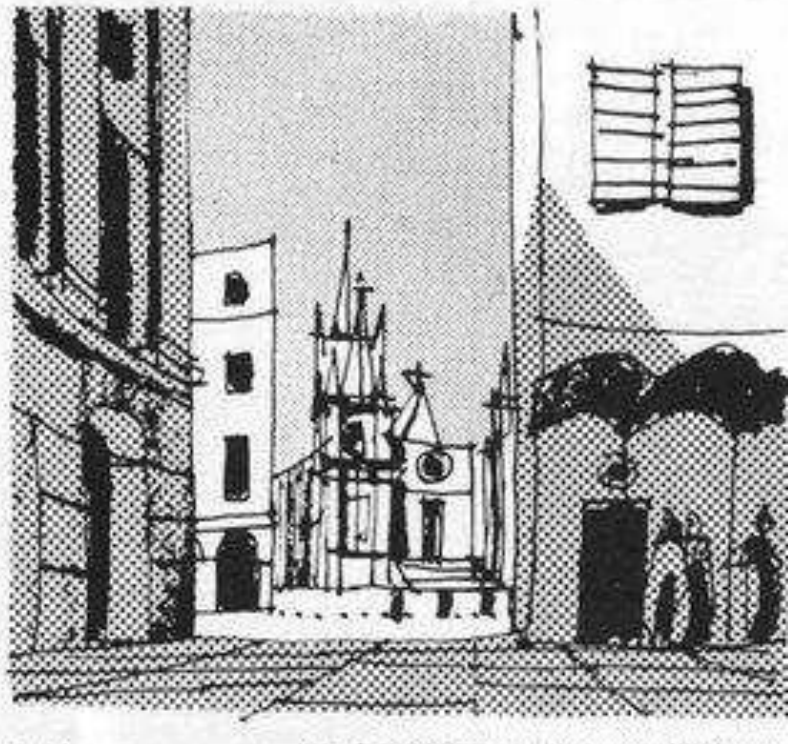
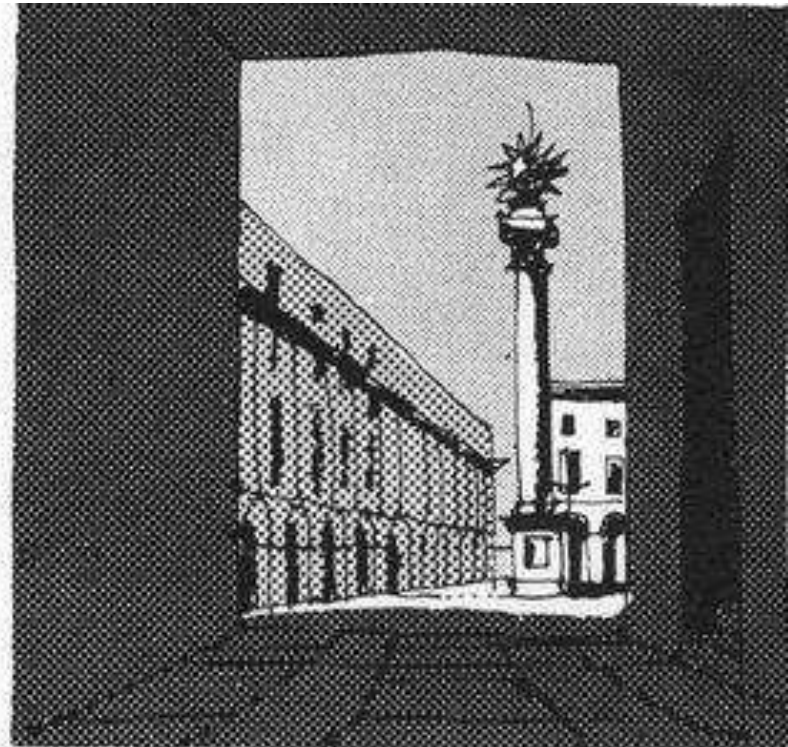
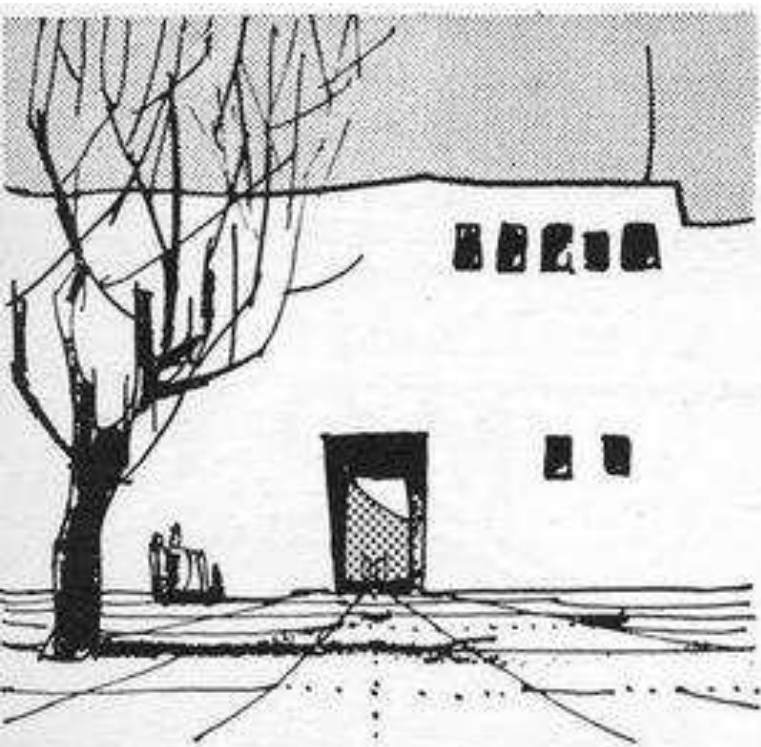
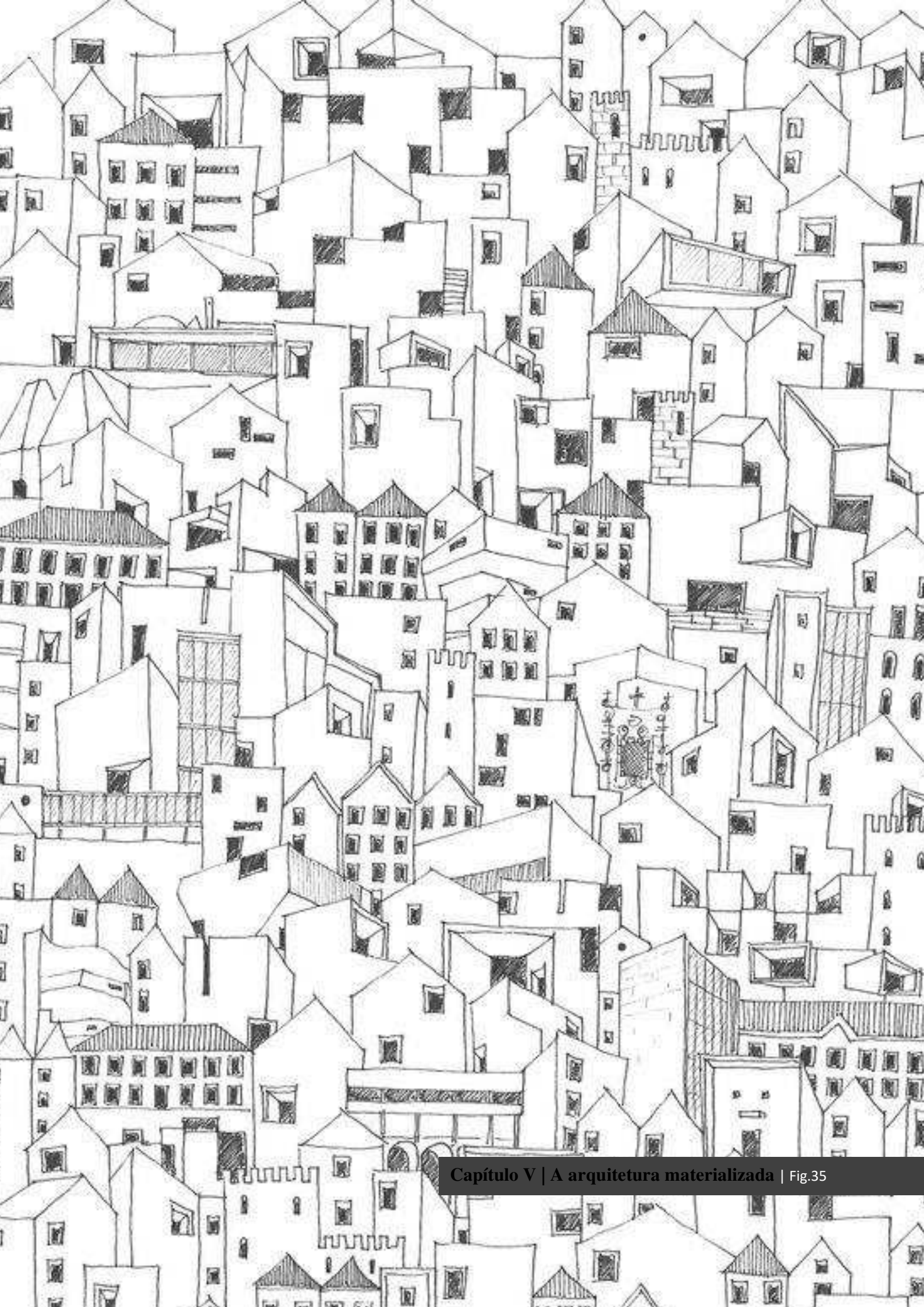


Fig.34 | Gordon Cullen e a paisagem urbana



5.1 | CASA DA MÚSICA

Localização: Porto, Portugal

Arquiteto: Rem Koolhaas

ANTECEDENTES

Podemos começar por dizer que a “Casa da Música” é um objeto arquitetónico da autoria de Rem Koolhaas, do ano de 2005, na cidade do Porto.

Foi um projeto proposto ao arquiteto Siza Vieira, no âmbito do ‘Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura’, que o recusou por acreditar que se tratava de uma obra e de um projeto demasiados complexos, tendo em conta o tempo insuficiente de entrega.

Aos três finalistas chegaram: Rafael Vinoly, Dominique Perrault e, tal como mencionamos anteriormente, Rem Koolhaas.

Após arrancar o projeto este, apenas vê a sua conclusão, após longos anos, não esquecendo o orçamento inicial, que acabou por derrapar em largos milhões de euros, podendo assim concluir que Siza Vieira tinha razão quando disse que seria impossível cumprir os prazos de entrega.

O terreno da implantação localiza-se na Rotunda da Boavista, com uma localização caracterizada por fazer parte do centro histórico do Porto, confluindo assim com uma das partes mais recentes da cidade.

Tendo em conta a proposta, esta consistia em edificar um equipamento onde a sua função principal fosse a de uma sala de espetáculos musicais, no entanto, teria de conter salas com dimensões menores, utilizadas para todo o tipo de eventos.

PROGRAMA, CONCEPTUALIZAÇÃO E INTERVENÇÃO

Tendo em conta a projeção deste edifício, Koolhaas teve como base duas diferentes premissas: a da reciclagem e a de compreender a sua envolvente.

Relativamente ao conceito formal deste edifício, é questionável a ligação que este tem, ou não, com a envolvente mais próxima.

“Em numerosas tentativas de definição da sua forma, os críticos atribuíram diversas expressões à Casa da Música: diamante bruto, estrutura monolítica, cristal lapidado, pedra

talhada, meteorito geométrico, poliedro branco, “monstro de betão”, etc. Com 40 metros de altura, a construção estabelece claramente um contraste em relação à escala do entorno onde os edifícios mais altos possuem cerca de 21 metros (equivalente a 13 andares). Apesar do edifício estar locado no centro do terreno, alinhado aos eixos morfológicos da rotunda, a complexidade e excentricidade de sua forma produzem uma dinâmica visual que estabelece outras relações de proporção, extrapolando o alinhamento axial.”¹³⁶

No caso de Marcelo Espinosa, este defende que esta obra nega por completo a sua envolvente e o contexto urbano, dizendo que:

“Negar el contexto no consiste en la incapacidad de poder adaptarse a un medio construido específico, sino al rompimiento con la configuración urbana existente en la Rotunda da Boavista y el trazado histórico de la ciudad de Oporto. Esta premisa forma parte de la manera en que debe actuar el objeto arquitectónico dentro de la ciudad contemporánea que propone Koolhaas. El objeto se inserta de modo aleatorio en un prédio de límites irregulares, implícitamente niega al contexto. Este grado de negación lleva a Koolhaas a tomar en cuenta otros elementos urbanos como la plaza que funge como acceso y contemplación del edificio. Su posición en ella le da un carácter simbólico.”¹³⁷

No entanto, existe quem defenda que este foi buscar a sua forma ao contexto urbano:

“The urban context in which Casa da Musica was situated played an important role in the shaping of its form. It is located in a prominent area of Porto across from the plaza Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular (...). Several major thoroughfares terminate at this circular plaza, which is one of the most prominent landmarks in Porto. The plaza serves as an important node and public space in which several corridors converge. Porto’s organic urban fabric of curvilinear streets and irregular lot shapes was a major influence in shaping the form of Casa da Musica. Viewed from the top of the building, each of the side elevations engages the public at the street level with its varying angles and window shapes. The building presents different views depending on the angle at which it is observed. As one moves up the building to the chiselled roof deck at the top, the viewer ends up looking directly at the

¹³⁶ DANTAS, C. 2007: 125)

¹³⁷ ESPINOSA, M. 2006: 265)

Monument to the heroes of the Peninsular War. The local context of the circular plaza and pathways leading to the monument/sculpture were important considerations for Koolhaas design of the Casa Da Musica. Koolhaas intended to reflect the circular plaza's design by setting his concert hall as a monument centered in a public plaza.”¹³⁸

Apesar de todos os pontos de vista diferentes, ambos acabam sempre por defender o mesmo: visualmente, a única influência será mesmo a Rotunda da Boavista e o central Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular.

Tudo isto, dá origem a um edifício totalmente à parte de tudo aquilo que o circunda, através do uso e do tipo: tendo em conta a sua altimetria, na medida em que é mais alto do que os edifícios mais altos pré-existentes, mancando assim a sua força e imponência; relativamente aos materiais, estes são caracterizados por irradiarem luz, criando assim um contraste com a falta de luz presente na cidade, utilizando o betão, o vidro e o mármore. É totalmente diferente daquilo que estávamos habituados a ver, principalmente no que diz respeito à forma geométrica, constituída por assimetrias, arestas marcadas. As janelas tronam-se elementos de destaque, rasgando largos vãos que valorizam formalmente o edifício e que conseguem trazer a cidade até ao interior do mesmo.

“(…) nove pisos e três subsolos, constituído por dois auditórios, foyer, um espaço cibermúsica, dois restaurantes, três bares, salas educativas, oito salas de ensaio, camarins, sala vip, área comercial, áreas de apoio e estacionamento. O subsolo, disposto ao redor da base do edifício, é composto por três pisos de garagem além de salas de ensaio. No pavimento térreo estão situados os camarins, restaurantes dos músicos, entrada de serviço e escritórios. O acesso principal do público ocorre no primeiro pavimento por meio de uma escada, configurando um espaço central onde está localizada a bilheteira. Na parte oeste desse mesmo piso encontra-se uma área de escritórios administrativos, e na parte leste estão distribuídas as salas de ensaio e de solistas, as quais possuem um “pano de vidro” voltado para a Rotunda da Boavista. Uma série de degraus e patamares com áreas de estar se desenvolvem na parte sul do primeiro pavimento avançado até a porção oeste do quarto piso – essa escadaria é o principal acesso entre a entrada do público e o auditório maior. É possível observar nesse percurso os elementos estruturais que conectam a “casca externa” do edifício a outros volumes internos. Há também uma escada na porção norte que dá acesso ao terceiro

¹³⁸ CHÁ, D. 2010: 3.

pavimento e possui um foyer em seu patamar. No terceiro pavimento, na parte oeste do edifício, está localizado um bar com janela horizontal que dá vistas para a parte de trás do terreno. Essa área coincide com os fundos do auditório. Já na porção leste há um foyer com vista para a Rotunda da Boavista e para a sala principal – uma área que funciona como espaço transitório de luz natural. As paredes compostas por vidro curvo foram especialmente desenvolvidas para um melhor desempenho acústico da sala. No quarto pavimento está situado o acesso da maior sala da Casa da Música. O volume, localizado na porção central do edifício, corresponde ao formato de uma caixa retangular “solta da construção” também em função do desempenho acústico. A sala possui em suas paredes laterais aberturas envidraçadas que permitem visualizar outras áreas do edifício. Nessas paredes estão fixados dois órgãos de tubo. Nas extremidades (leste e oeste) o fechamento é composto por “pele de vidro” ondulado que possibilita olhar para a cidade enxergando-a de maneira distorcida. Essas aberturas possuem cortinas triplas, o que torna possível a regulação da intensidade de transparência e luz no interior da sala. Na porção norte do mesmo pavimento estão localizadas duas áreas com usos distintos: o espaço Cibermusica e um bar-foyer. (...). Há também um foyer na parte oeste desse pavimento, similar ao foyer da parte leste do terceiro pavimento, ou seja, suas laterais possibilitam olhar a cidade e a sala principal, no entanto, ambas fechadas com vidro curvo. Um segundo auditório está localizado no quinto piso (...) as paredes laterais são revestidas de placas na cor vermelha e as extremidades são compostas por “pele de vidro”, sendo que um lado está voltado para a cidade (vidro ondulado) e o outro está voltado para um foyer (...). No sexto pavimento, localizada na parte sul do edifício, há uma sala vip com paredes de vidro com vistas para a Rotunda da Boavista e o interior da sala principal. No oitavo e último pavimento fica situado um restaurante e um terraço voltado para a Rotunda da Boavista, revestido em azulejos preto e brancos formando um xadrez.”¹³⁹

Através da anterior citação, entendemos que, apesar de ter ignorado o tipo e a linguagem da envolvente, o arquiteto, não deixou de parte a envolvente, muito menos a cidade, até porque, abre constantemente, sempre que possível, o edifício à cidade, criando uma relação intimista entre o utilizador da Casa da Música e a cidade do Porto.

“A Casa da Música pousa decididamente no solo reclamando o espaço à sua volta, tornando-o numa praça que se sente gerada por ela e para ela. Não percebemos ao certo como

¹³⁹ DANTAS, C. 2007: 134)

este “asteroide” aterrou, mas percebemos o impacto que gerou; a forma incisiva como ele pousa (numa posição relativamente centrada em relação ao espaço de implantação) rouba as atenções à envolvente, virando o espaço da praça para si.”¹⁴⁰

¹⁴⁰ MENDES, T. S. R. 2013: 63



Fig.36 | Casa da Música

5.2 | PISCINA MUNICIPAL DE CAMPO MAIOR

Localização: Campo Maior, Portugal

Arquiteto: Carrilho da Graça e Carlos Miguel Dias

ANTECEDENTES

Localizada numa região de paisagens onde predominam as planícies, as Piscinas de Campo Maior localizam-se na extremidade da vila, onde é possível observar magníficas vistas.

O lugar escolhido para a implantação, tinha uma forte relação visual com o castelo e com a cidade antiga, sendo assim mantido e até mesmo realçado.

PROGRAMA, CONCEPTUALIZAÇÃO E INTERVENÇÃO

O projeto das piscinas foi realizado juntamente com Carlos Miguel Dias¹⁴¹, surgindo através de influências do Construtivismo Russo¹⁴². “[...] São evidentes as dissociações, as disjunções de geometrias, a instabilidade, a autonomia das partes, até mesmo algumas formas emblemáticas da corrente que é alimentada por essa busca filosófica.”¹⁴³

¹⁴¹ “Carlos Miguel Dias (Moçambique, 1957) é um arquiteto com atelier próprio sediado em Lisboa. Formou-se em Arquitetura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa em 1983. Colaborou em vários projetos no atelier do Arquiteto Carrilho da Graça entre 1983 e 1987, vindo também a ser co-autor em alguns projetos. Foi professor da cadeira de projeto na Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa de 1986 a 1994. É diretor do seu atelier desde 1987 e sócio-gerente da C.M. DIAS Arquitetos desde 1996. Foi também professor de projeto na Universidade Moderna, Polo de Setúbal – Departamento de Arquitetura entre 1998 e 2006. Entre 2007 e 2008, foi Professor Convidado na disciplina de História da Arquitetura contemporânea na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – curso de Arquitetura. Da sua obra arquitetónica podemos destacar o Farol Design Hotel, em Cascais; Casa na Herdade da Comporta; Quartel de Bombeiros Voluntários de Águas de Moura; Casas na Quinta do Peru, em Sesimbra (ISSUU, 2016).” (MARQUES, T. 2013: 111)

¹⁴² “O Construtivismo Russo foi um período revolucionário [datado sensivelmente entre 1913 a 1930], evidente na Europa, principalmente na Rússia. Foi um movimento cujos artistas pensavam na pintura e na escultura como construções – próximas de arquitetura. Os artistas abdicaram da conceção artística contemplativa, indo ao encontro de formas de expressões que pudessem transformar a arte num novo paradigma, criticando as técnicas tradicionais. A ideia do movimento construtivista caracterizou-se na abstração e pela geometria de maneira acentuada, onde as cores primárias, novas formas [o uso constante de formas geométricas] e fotomontagens eram evidenciadas. O construtivismo teve uma forte influência na arquitetura, inserindo-se nas vanguardas do início do século XX. Outros movimentos influenciaram-se e consideraram especificações do construtivismo, como o estilo De Stijl, artistas como Piet Mondrian e Theo van Doesburg, falando também no Suprematismo fundado por Malevich.” (Ibidem)

¹⁴³ (MATOS, M. 1991: 76).

A instabilidade, a procura, o modo como é rompida a ordem representa uma decomposição das partes. Os elementos arquitetónicos das piscinas de Campo Maior passam por uma decomposição quase total, isto é, o volume correspondente ao bar e à sala polivalente é suportado discretamente por pilares, parecendo que fica suspenso; e “[...] o mais leve (a pérgola), pelo contrário, é de facto suportado pelos pilares [...]”¹⁴⁴

A planta encontra-se representada através de dois retângulos articulados em ângulo reto, resultando o edifício na exploração de um módulo quadrado. A instabilidade, a procura, o modo como é rompida a ordem representa uma decomposição das partes. Os elementos arquitetónicos das piscinas de Campo Maior passam por uma decomposição quase total, isto é, o volume correspondente ao bar e à sala polivalente é suportado discretamente por pilares, parecendo que fica suspenso.

Relativamente à planta, o quadrado principal passa por alguns momentos de rotação e diminuição, tal como mencionou Madalena Cunha Matos¹⁴⁵, professora na Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa:

1. O primeiro quadrado enquadra tudo aquilo que é fundamental, ou seja, o edifício, a piscina maior, o limite e a cota superior;
2. Este quadrado depois acaba por rodar e diminuir. Sendo aqui que se erguem os planos verticais;
3. Num terceiro momento, o quadrado volta a diminuir e roda ainda mais, que acaba por definir o limite da piscina pequena e dando a sensação que os seus lados empurram e perfuram, em altura e em profundidade a grande fachada inicial.

Em planta, como verificamos nas imagens acima, o complexo corresponde ao deslizar de dois quadrados, um sobre o outro. Como sustenta Paulo Varela Gomes, este quadrado

¹⁴⁴ (GOMES, P. 1991: 92)

¹⁴⁵ “Madalena Cunha Matos (Coimbra, 1955) é professora na Faculdade de arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa (FA-UL). Formou-se em arquitetura em 1979 na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e concluiu o Doutoramento no Instituto Superior Técnico de Lisboa. De 2001 a 2004 foi professora e responsável pela Disciplina arquitetura e História da Construção no Mestrado de Construção. Em 2004 assume o cargo de coordenadora do Mestrado de arquitetura na FA-UL, e desde então já exerceu diversos cargos nesta Faculdade. O cargo de professora tem sido nas cadeiras de Projeto e de Teoria da arquitetura. Orientou diversas Dissertações de Mestrado e Doutoramentos. Escreveu artigos para várias revistas nacionais e internacionais. Coordenou projetos de investigação e atualmente é a principal investigadora portuguesa de um projeto europeu.” (MARQUES, T. 2013: 113)

funciona como a base de um cubo virtual, “[...] é o único elemento tectónico do edifício [...]”¹⁴⁶

Em relação a este projeto não faz sentido falarmos em volumes, mas sim em planos, os planos compõem e decompõem esta obra, “[...] até os alçados ganham em ser lidos “na horizontal” [...]”¹⁴⁷

Neste projeto faz sentido falarmos em planos e não em volumes. São os planos que compõem e decompõem esta obra, sendo possível chegar à conclusão que os alçados ganham ao serem lidos na horizontal.

A conjugação e articulação destes planos resulta numa combinação de dois conceitos opostos, já antes mencionados num texto intitulado “Estranha leveza” por Gonçalo Byrne: Belvedere (miradouro) e enquadramento, abertura e limitação. Byrne remata:

“A delimitação dos planos de águas numa plataforma quadrada sobreelevada, espécie de nave ancorada, reforça, na extensa horizontalidade das aberturas e da pala contornante, um enquadramento referencial de tal modo intenso que torna estática e abstracta a própria água, em confronto com o oceano seco e ondulante de planície alentejana e a vizinha cidade, reduzida a margem ou escarpa pétreia desse vasto mar”¹⁴⁸

Este edifício convida-nos a contemplar, vivenciar o espaço e, simultaneamente, experienciar a paisagem do Alentejo. O arquiteto estava à procura de uma “nova fonética” e de “alguma nova morfologia”, como fase de experimentação: neste aspeto é como se o projeto representasse novas possibilidades, sugerisse diversas hipóteses de solução.

Esta obra reúne a combinação de diversas formas, tais como: o quadrado, o retângulo, o círculo, o triângulo, atingindo geometrias tridimensionais.

Para concluir mencionamos a opinião de Manuel Graça Dias quando afirma que:

¹⁴⁶ Ibidem: 88.

¹⁴⁷ Ibidem.

¹⁴⁸ (GRAÇA, J.; BYRNE, G. 1995: 10).

[...] as vistas de Campo Maior organizam muito bem a paisagem, elas aparecem como uma espécie de acrópole ali em relação a Campo Maior, mas depois existe uma espécie de cenário construído para se ver o que está à volta, é também um grande miradouro [...]" ¹⁴⁹

¹⁴⁹ (RTP (1993) - *João Luís Carrilho da Graça: Magazine de Arquitectura e Decoração* [Em linha]. Lisboa: RTP. [Consult. 21 jul. 2016]. Disponível em RTP - Rádio e Televisão de Portugal)



Fig.37 | Piscina Municipal de Campo Maior

5.3 | CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO NO PALÁCIO DE BELÉM

Localização: Belém, Portugal

Arquiteto: Carrilho da Graça

ANTECEDENTES

O Centro de Documentação e Informação [CDI] da Presidência da República localiza-se a Oeste de Lisboa, em Belém. O edifício de carácter barroco e neoclássico contém inúmeras referências, tais como os seus diversos jardins com estátuas e buxos, pavilhões, lagos e cascatas e ainda uma série de pátios. Na área da antiga cerca do Palácio foi adicionado, em 1912, o Jardim Botânico Tropical.

PROGRAMA, CONCEPTUALIZAÇÃO E INTERVENÇÃO

Para solucionar a encosta íngreme esta foi substituída por plataformas a diferentes cotas, procurando o efeito de “plateau”.

Segundo Ricardo Carvalho, a estratégia de “alisar” os Jardins do Palácio e projetar um volume simples na extremidade dessa área, “[...] pretende disciplinar e valorizar um espaço vazio a norte, propondo-lhe um novo limite e um conjunto de qualidades percetivas.”¹⁵⁰

O Centro de Documentação foi construído em dois volumes perpendiculares que delimitam a geometria da plataforma. Um deles está camuflado pelo novo jardim e o outro apresenta-se em cima deste plano ajardinado. A nova proposta corresponde ao novo plano verde horizontal, acabando por funcionar como plano de referência e servindo de elo entre o Palácio e o plano branco da Direção dos Serviços de Documentação e Arquivo.

O ponto de ligação entre o antigo e o novo foi realizado de forma subtil pelo arquiteto, escolhendo a pedra como material para o fazer, sendo que “o edifício novo quase que toca no pormenor do cunhal de pedra do Palácio.”

O plano branco configura o espaço exterior do Palácio e assegura-lhe uma finalização do terreno, proporcionando mais privacidade a quem usufrui do Jardim do Palácio,

¹⁵⁰ CARVALHO, R. 2004.

proporcionando momentos de pausa e sossego. O facto de estar suspenso atribui-lhe um maior destaque e um aspeto de leveza.

Este plano é composto pelo refeitório/bar da Presidência no piso superior e no piso inferior contém o ginásio e um jardim interno/estufa, através do qual permite a entrada de luz natural tanto para o refeitório como para o ginásio. O refeitório recebe mais luz enviada por baixo do extenso plano através da reflexão na água, proporcionando um ambiente sereno e agradável.

Neste aspeto, Manuel Graças Dias sublinha a existência de três momentos fundamentais nesta obra, demonstrando, por parte do arquiteto, uma total compreensão do sítio:

“O plano branco da fachada é prolongado lateralmente para além do volume, dando a sensação de que o edifício é mais comprido, acabando por ficar com os topos suspensos. No lado Nascente é dada a indicação de entrada através de uma pala que a protege, sem qualquer tipo de apoio. No lado Poente o plano é apenas alongado, com a intenção de equilibrar o todo.

Deste modo é possível concluir que o novo Cento de Documentação é definido por dois planos, o plano branco vertical e o plano verde horizontal. De acordo com Ricardo Carvalho¹⁵¹, o projeto do centro de documentação propõe a criação de um lugar, [...] reinventando-lhe um jardim que parece maior que o que havia, construindo-lhe nas margens e dobras as imensas necessárias novas áreas e garantindo, a partir do “nada” (costas de garagens, restos de cercas, bocados incompletos de pomares), paisagens, vistas, ambientes, delicadas memórias, outra respiração.”¹⁵²

Este plano liso branco confere uma maior privacidade ao utilizador dos jardins, proporcionando momentos de pausa e de sossego. O facto de se encontrar suspenso,

proporciona-lhe um maior destaque, alcançando um aspeto de leveza, contrariamente ao que na realidade é.

¹⁵¹ CARVALHO, R. 2004.

¹⁵² DIAS, M. 2005: 18.

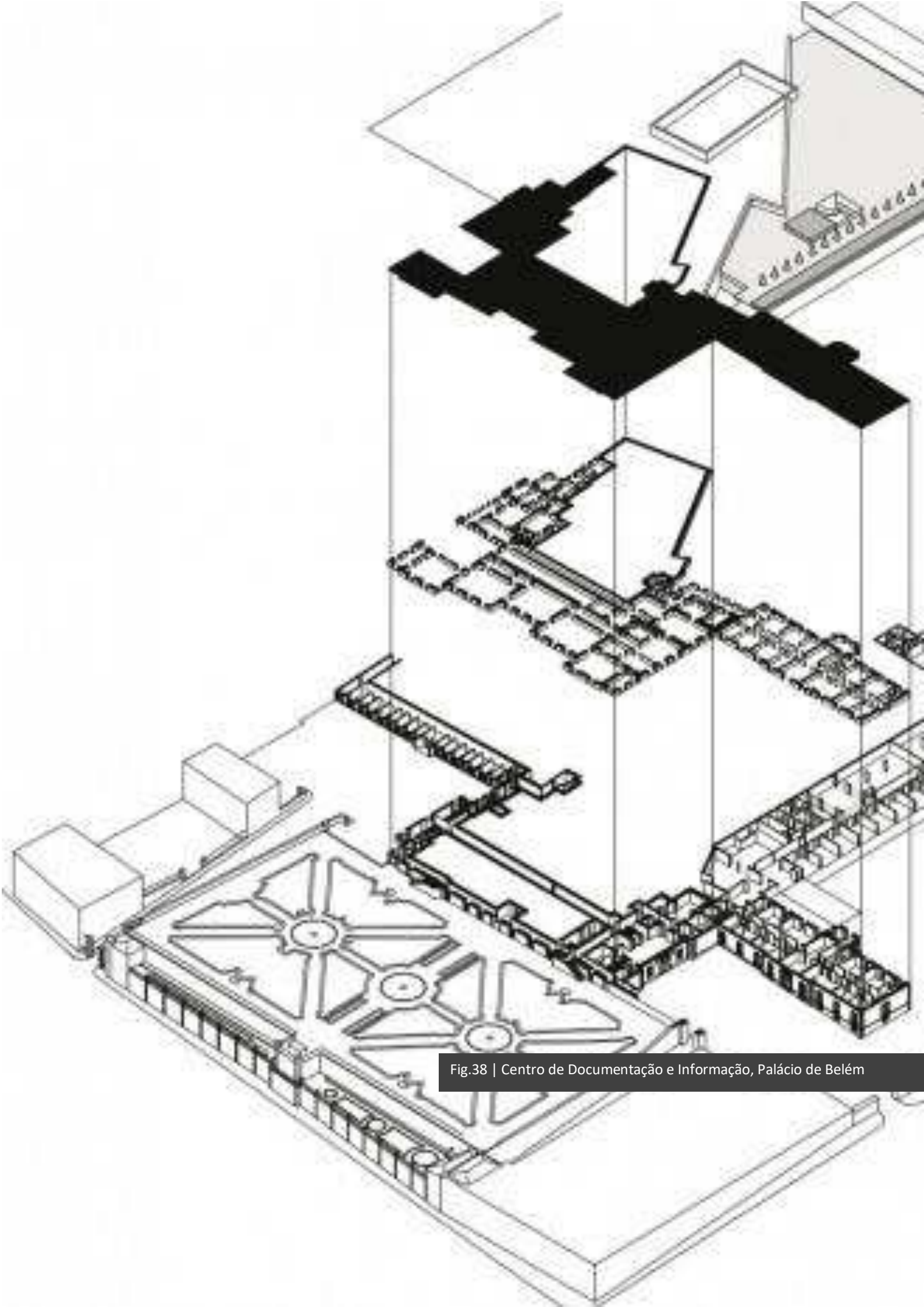


Fig.38 | Centro de Documentação e Informação, Palácio de Belém



6 | ANTECEDENTES - O FENÓMENO DO LUGAR

Ao relembrar a dificuldade em encontrar um lugar, torna-se impossível falar de sensações e emoções num lugar como o de Argivai, que surge para quem lá vive ou para quem apenas passa por lá por necessidade, tal como o “vale das nossas crenças e das nossas ilusões, a paisagem que tingiu de arrebois uma vida cheia dos sonhos de nós próprios (...).”¹⁵³

Pertencente à Póvoa de Varzim, Argivai no passado “não passava, pois, duma modesta aldeia rural perdida no descampado inculto desse mesmo reguengo.”¹⁵⁴

Num primeiro momento, através do contacto com o lugar, assistimos ao seu carácter, mencionado no fenómeno de lugar, que tão bem Norberg-Schulz nos descreve:

“La nostra esistenza quotidiana è fatta di ‘fenomeni’ concreti: gente, animali, fiori, alberi e foreste, pietra, terra, legno e acqua, città, strade e case, porte, finestre e mobili; ed ancora è falta di sole, luna e stelle, di nuvole che si muovono, di notte e giorno, di stagioni che pasano. Ma la nostra vita comprende anche fenomeni più intangibili come le emozioni.”¹⁵⁵

6.1. | LEITURA FENOMENOLÓGICA DO LUGAR

Ao pisar com um pé a marginal com vista para o mar, conseguimos facilmente reconhecer a água, a natureza, a avenida, o mercado, as pessoas, os cheiros, as árvores, as pedras e até mesmo a areia. No entanto, à medida que a locomoção do nosso corpo nos leva até o interior da cidade, facilmente alcançamos visualmente os edifícios em altura, a chaminé da indústria, a fábrica, as discrepâncias sociais, onde é possível assistir a uma atmosfera peculiar, fornecida através do posicionamento geográfico da cidade.

¹⁵³ DO SOUTO, J. 1985: 19.

¹⁵⁴ Ibidem: 27.

¹⁵⁵ NORBERG-SCHULZ, C. 2009: 6.

6.2. | CLIMA E GEOGRAFIA

Póvoa de Varzim possui um clima mediterrâneo, que acaba por ser suavizado através das brisas oceânicas. É considerada a cidade menos sujeita a geadas e neve, em todo o Norte de Portugal.

Relativamente aos ventos, estes são designados de Nortadas, sendo mais comuns no Verão e aparecendo normalmente, após o meio-dia.

Esta cidade localiza-se entre os rios Cávado e Ave e o município está limitado a norte pelo município de Esposende, a nordeste por Barcelos, a Leste pelo de Vila Nova de Famalicão e a Sul por Vila do Conde. Contém uma paisagem dominada pela planície e colinas de pouca altitude, de declives bastante suaves.

6.3. | VALORES ESSENCIAIS, IDENTIFICATIVOS E SIGNIFICATIVOS

Se nos debruçarmos no valor essencial de qualquer espaço/sítio/lugar, isso leva-nos até à sua essência e àquilo que esta carrega, estando aliada a um passado.

Neste caso, as primeiras populações fixaram-se no território da Póvoa de Varzim entre quatro a seis mil anos atrás. “Por volta de 900 a.C., a instabilidade na região levou à fundação de uma cidade muralhada, a Cividade de Terroso, que desenvolveu rotas de comércio marítimo com as civilizações da antiguidade clássica.”

Como questão identitária, podemos afirmar que, a Póvoa de Varzim moderna surgiu após a conquista da cidade pela República Romana onde, pouco tempo depois, se desenvolveram as unidades de processamento de peixe e a pesca, consideradas bases da economia local.

Mais tarde, após a indústria pesqueira e campos férteis, ser considerada a base de um senhorio feudal, a cidade acabou por ser disputada entre os “...senhores locais e os senhores regionais...” levando, em 1308, à criação do município e acabou mesmo por ser submetido ao poder monástico medieval após alguns anos.

Devido à “...competência e riqueza dos seus construtores navais e navegantes...” a cidade de Póvoa de Varzim reemergiu na Época dos Descobrimentos.

6.4. | FIXAÇÃO

Tal como mencionamos anteriormente, “...o município encontra-se limitado a Norte pelo município de Esposende, a Nordeste por Barcelos, a Leste pelo de Vila Nova de Famalicão e a Sul por Vila do Conde. A poente tem costa no oceano Atlântico.”

A Póvoa de Varzim, ocupa uma área de 82,21Km², e está localizada “...entre os rios Cávado e Ave...” ou de uma forma mais alargada, “...a meio caminho entre os rios Minho e Douro na costa norte de Portugal – a Costa Verde.”

As águas ricas em iodo eram muito conhecidas, levando “monges beneditinos” a percorrer longas distâncias para tomar os “banhos da Póvoa”. Este iodo presente nas águas, aliado ao sol, era considerado vigorante e muito utilizado na cura de algumas doenças de pele e até mesmo de ossos. Esta procura e afluência intensificou-se, levando ao surgimento de vários hotéis, teatros e salas de jogos.

Através desta grande procura, a Póvoa de Varzim tornou-se no destino de férias mais popular do Norte de Portugal, levando assim à criação de ligações ferroviárias com o Porto, em 1875 e com o Baixo Minho, em 1878.

6.5. | EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA E URBANA

A cidade da Póvoa de Varzim encontra-se constituída por onze partes, sendo elas áreas significativas da cidade. A estas onze partes, também podemos chamar de freguesias, sendo elas: U.F. Póvoa de Varzim, Beiriz e Argivai, U.F. Aver-o-Mar, Amorim e Terroso. “Pelo Sul, existe uma continuidade urbana com Vila do Conde, para onde a cidade cresceu no passado.

A partir do Bairro da Matriz, a cidade desenvolveu-se do interior para o litoral, restando ainda as ruelas estreitas e tortuosas, relembrando a Póvoa primitiva do século XIV.

“Ainda hoje de carácter unifamiliar, encontram-se no bairro construções antigas tais como a casa seiscentista em frente à Igreja Matriz, os quatrocentistas Paços do Concelho, o solar dos Carneiros e as casas oitocentistas do Capitão Leite Ferreira, dos Limas e do Coentrão.”

Relativamente à população de pescadores, estes foram concentrados junto à costa sul, à volta da “Enseada da Póvoa” e do Bairro Sul (setor piscatório) caracterizado pelas “...ruas estreitas paralelas à costa...”, mas que se encontrava minimamente desenvolvido.

No caso do Centro, considerado o antigo bairro burguês, este encontrava-se dominado pelo setor dos serviços e pelas “...movimentadas ruas de comércio tradicional da Junqueira e Avenida Mouzinho de Albuquerque.”

É na Avenida Mouzinho de Albuquerque que se concentram a maior parte dos serviços, enquanto, no caso da Praça do Almada (o coração da urbe), “...é ladeada pelo edifício da Câmara Municipal, departamentos municipais, bancos e outros serviços.”

Na costa norte, é possível encontrar o Bairro Norte, constituído pelo setor balnear e à semelhança do Bairro Sul, é caracterizado pelas ruas paralelas à costa, no entanto, “...devido ao seu carácter tornou-se bastante urbanizado.”

Próximo da área anteriormente mencionada, encontramos o Agro-Velho, conhecido como Nova Póvoa, considerada a zona da cidade possuidora dos edifícios mais altos.

Bastante próximo encontra-se Barreiros e o Parque da Cidade, duas zonas da cidade de intervenção mais recente.

No interior da cidade, de feição rural, a Giesteira, originada a partir da antiga aldeia da Giesteira, que juntamente com Argivai, constituía anteriormente o núcleo principal de povoamento antes do século XIV, “...cujos lavradores e pescadores participaram na instalação da “póvoa” no litoral.”

Argivai, encontra-se dividida ao meio pelo Aqueduto de Santa Clara, “...um notável aqueduto românico, monumento nacional, construído entre 1626 e 1714.” No interior, é possível identificar os antigos núcleos residenciais da Mariadeira, Regufe, Penalves, Coelho e Gândara, constituídos por variadas tipologias e pequenas centralidades.

No caso de Aver-o-Mar, esta é a zona urbana costeira mais a norte, de natureza residencial, onde o Quião (também conhecido como Santo André), “...possui um carácter piscatório, cujas habitações cresceram de forma espontânea.”

6.6. | HISTÓRIA

O nome Póvoa de Varzim, significa “pequeno povoado”, tendo em conta que, ali, D. Dinis, “...mandou edificar um pequeno povoado em 1308...”. A palavra Varzim “...deriva de Euracini, senhor da totalidade, ou pelo menos parte destas terras...”. Através de vários fenómenos linguísticos, acabou por se transformar em Varzim.

Através dos achados arqueológicos, muito expressivos em Martim Vaz e significativamente menos na Junqueira e Vila Velha, é possível identificar a presença e ação do homem na antiguidade.

“A terra e, sobretudo o mar que a beija, sussurrante e, depois se deixa animar em profundo amplexo, despertam na Idade Média o interesse económico de fidalgos, cavaleiros e eclesiásticos, ávidos de rendas, entre os quais se destaca a estirpe de D. Lourenço Fernandes da Cunha, sem dúvida, os mais produtivos colonizadores do nosso território.”

Uma outra parte da Póvoa de Varzim, mais para sul, era a terra reguenga e os “...casais pagavam para o Rei tanto dos frutos da terra como do mar, pois havia no seu porto um interessante movimento de pesca.”

Em 1312, D. Dinis doa a Póvoa de Varzim ao filho bastardo de Afonso Sanches de Albuquerque, colocando-a assim no património do mosteiro de Santa Clara, que tinha acabado de fundar em Vila do Conde.

Durou duzentos anos o domínio do senhorio eclesiástico, através da Abadessa e dos seus ministros. Quando este ainda decorria, D. Manuel mandou dar foral novo à vila, “...reformando o antigo na parte fiscal e provendo-o de mecanismos alternativos à jurisdição do mosteiro.”

Naquela altura, a Vila da Póvoa, ainda não continha mais de quinhentos habitantes.

“De resto, o século XVI deu à terra aquela estrutura administrativa, social, religiosa que permitiu vencer algumas crises difíceis que o século seguinte lhe reservaria. Refiro-me, em particular, às onerosas questões territoriais com a Câmara de Barcelos. Por outras vicissitudes passou a terra como por exemplo a evasão quase total dos homens válidos: uns emigrados; outros absorvidos na marinhagem e outros na construção naval. Curiosamente nunca deixou de crescer, compensada quer pela fertilidade das suas mulheres como pela continua entrada de braços.”

Na segunda metade do século XVII, deteta-se a existência de uma “...pequena comunidade piscatória dedicada à pesca do alto para o negócio da salga que começa a desenvolver-se e florescer.”

É exatamente no século seguinte que, a Póvoa de Varzim se transforma na maior praça de pescado do norte do país. Os pescadores eram conhecidos como os mais “...laboriosos, expeditos e sabedores do mar e do destemor com que enfrentavam a sua perigosa barra...” criando-se assim a figura lendária do “Poveiro”.

Através do aumento da pesca, o tecido urbano acaba por ganhar uma nova dimensão, criando-se assim zonas ribeirinhas de domínio (quase absoluto), da pescaria. “O dinheiro entra com abundância no cofre das sisas; o comércio engrossa, a indústria da salga próspera e o bem-estar da população reflete-se no levantamento de três edifícios religiosos: Matriz, Lapa e Sr.^a das Dores...”

A pesca, os banhos de mar, e o jogo “...constituem, agora, as bases do progresso da Póvoa de Varzim; o eixo da sua evolução económica e o centro de todas as paixões políticas. A atividade piscatória ancora-se hoje, em seguro porto de abrigo; a praia dos banhos equipa-se com modernas e atraentes estruturas; o jogo, regulamentado e oficial, encontra-se no seu monumental Casino, edifício que, interiormente, é de uma beleza extasiante...”.

6.7. | SÍNTESE PROGNÓSTICA

Observando aquilo que é hoje a cidade da Póvoa de Varzim, podemos constatar que os seus valores, tais como: a sua memória, autenticidade e identidade, encontram-se implícitos no passado da mesma. Passado esse, marcado por um território ordenado que, acabando por sofrer algumas intervenções urbanas, acabou por o descaraterizar e principalmente em altura, resultando assim num romper das principais vias e naquilo que podemos identificar como um “skyline” predominantemente agrícola e rural.

Concluimos assim que, através de uma intervenção, não muito alargada, tendo em conta o estado limitativo do presente trabalho que, a estratégia urbana pode ser um ponto de partida para uma possível intenção materializada (em esboços) de devolver a vida ao interior da cidade, deixando isso de ser apenas visível nas margens. Deste modo, o interior passará a ser também um foco da vila e agregador de atividades de ócio e lazer, de percursos contemplativos, de atividade física e percursos de carácter sensitivo, percorrendo os limites de Argivai, sentindo-os e estabelecendo uma relação sensorial com os mesmos. Tendo em conta que a resposta se encontra no lugar, nas suas características naturais e naquilo que outrora já existiu, nunca esquecendo as memórias-

Podemos entender que a necessidade do lugar vai para além de uma intervenção pontual, tendo em conta que a Póvoa de Varzim é constituída por outras zonas semelhantes à de Argivai, na medida em que têm potencial para evoluírem e para também elas trazerem a população para o interior da cidade. A intenção não se trata de diminuir a procura da marginal por parte da população residente ou até mesmo por quem se encontra apenas de

passagem, mas sim, implementar a necessidade de se deslocarem e de utilizarem zonas como a de Argivai, surgindo assim como agregador de atividades e gerador de memórias.

De forma a concluir, entendemos Argivai, como uma possibilidade de um espaço com valores de permanência, que hoje não são visíveis, no entanto, acreditamos ser possível restabelecê-los através de espaços de utilização pública, promovendo a relação social a todas as etnias que interajam e se relacionem com o lugar.

6.8. | DIAGNÓSTICO URBANO

Pontos fortes

- Posição geográfica e condições naturais favoráveis;
- Existência de vazios urbanos;
- Existência de 2 modelos de ocupação: modelo compacto (centro) e modelo difuso (envolvente).

Pontos fracos

- Crescimento espontâneo e expansão sem ordenamento;
- Ausência de equipamentos de apoio a atividades locais;
- Ausência de espaços de utilização pública (verdes);
- Ausência de articulação entre a zona central e a zona envolvente e residencial;
- Existência de edifícios de habitação social/mista degradados

6.9. | ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO URBANA

Ainda com o pensamento naquilo que outrora foi a cidade da Póvoa de Varzim, uma cidade repleta de espaços verdes de utilização pública que, faziam parte do dia a dia dos seus utilizadores, coesa socialmente.

Inerente ao conceito que nos remete para a procura de uma cidade novamente ligada à coesão social e cultural que outrora já se encontrou mais marcada na Póvoa de Varzim.

Por uma questão de consciência projetual reunimos os locais mais significativos a nível social da cidade. Foi possível destacar assim o Bairro da Sopete, o Agrupamento habitacional Soares da Costa e o Agrupamento habitacional Incons, elementos da cidade que apesar de não serem os elementos construídos mais chamativos, encontram-se implantados com grande potencial de desenvolvimento. Através desta recolha de pontos significativos existentes na área de intervenção foi possível identificar os pontos fortes e os pontos fracos que os caracterizam, tal como demonstramos anteriormente.

De Argivai, à rua, ao parque, à marginal, ao passeio, ao edifício (Centro de comunitário), a estratégia prevê um percurso longitudinal, como se de uma espinha dorsal se tratasse, atribuindo-lhe um carácter de rede viária principal e distribuidora. e articulando-a com edifícios de Serviços, Habitação, Comércio e Equipamento, com zonas verdes de envolvimento e ligação para com o percurso em torno.

A obtenção de um corredor verde tornou-se indispensável, na medida em que, abraça a rede principal distribuidora, respetivos caminhos pedonais e ciclovia, criando uma paisagem verde predominante, apoiada na sustentabilidade ambiental, numa zona onde a manutenção do corpo é importante.

A criação dos quarteirões resulta da orientação da rede viária circundante, tendo como objetivo a continuidade da malha existente, oferecendo-lhe ao mesmo tempo uma regra mais coesa e equilibrada, proporcionando à população um espaço mais intuitivo.

LINHAS DE VISÃO

No esquema resumo, estão demonstradas linhas convergentes no que diz respeito ao conceito, à análise e ao diagnóstico, compreendendo uma relação indissociável entre os dois, sendo que se apoiam mutuamente, um a nível teórico (análise) e outro a nível prático (conceito).

É deste modo que, surge a ideia de 'cidade de todos para todos', caracterizando-se como uma cidade que abraça toda a população de igual modo e que tem o papel de melhorar o dia a dia de cada um, não só de quem nela habita, mas também de quem nela passa ocasionalmente.

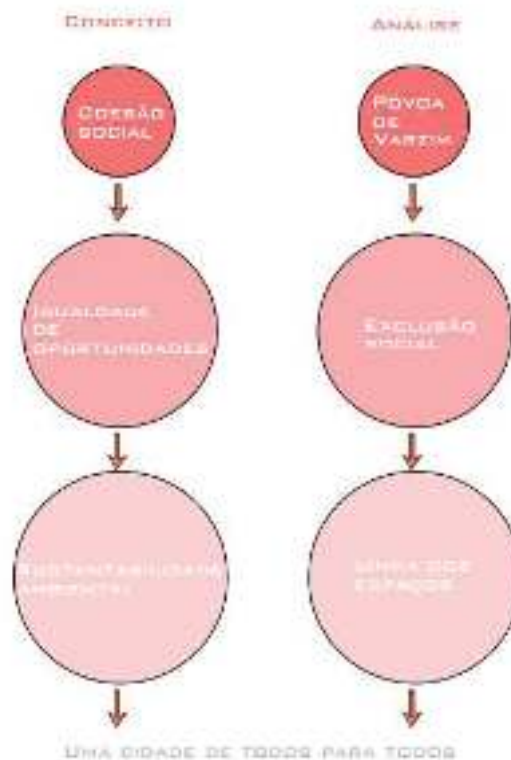


Fig.40 | Conceito, análise e diagnóstico

É possível identificar estas características não apenas em funções, mas também em percursos (pedonais) que acontecem entre edifícios, entre espaços públicos que trespassam os quarteirões, por momentos estratégicos que, remetem à memória e à cultura de distintas etnias e em equipamentos que serão um apoio no espoletar de um futuro mais prospero.

GEOMETRIZAÇÃO

A geometrização que compõe o sistema viário do desenho urbano, principalmente de caráter rodoviário, referente à conclusão retirada da análise de lógicas geométricas da cidade, não esquecendo também os percursos pedonais e a ciclovias, dando continuidade à pré-existente.

O processo de geometrização surge como um instrumento no traçado de novas redes viárias e edificado em novos espaços da cidade, dado que auxilia no entendimento e descoberta de uma lógica urbana existente através da análise de percursos e edifícios.

Neste caso foi tido como ponto de partida a nacional 206, tendo como principal preocupação a sensação transmitida através do percorrer desta rua, chegando à conclusão da sua linearidade e da sucessividade de interseções perpendiculares que ocorrem ao longo do percurso. Esta rua apresenta-se como uma das principais dinamizadoras da cidade, interligando dois grandes eixos, a Avenida 25 de abril e a Nacional 13. Partindo deste ponto, foram criadas redes viárias perpendiculares, de ligação entre este eixo e o terreno.

Os quarteirões encontram-se relacionados entre si, mas ao mesmo tempo separados por linhas de orientação que constituem a rede viária e a rede pedonal. Deste modo, é possível determinar que a morfologia dos quarteirões resultou da criação das redes viárias, adaptando-se todos ao seu traçado sinuoso.

1 | Através do esquema apresentado é possível observar a relação de paralelismo (através das linhas a rosa) e de ortogonalidade (através das linhas a amarelo) em relação à Nacional 206. Foi então esta malha responsável pela organização dos quarteirões situados a Sudeste da nossa área de intervenção.



Fig.41 | Relação de paralelismo

2 | De seguida, utilizamos como ponto de partida a Av. 25 de Abril, traçando assim linhas paralelas (representadas a rosa) e ortogonais (representadas a amarelo) em relação a ela. A criação desta malha foi extremamente importante, resultando nos quarteirões a Norte e a Sudoeste da nossa área de intervenção.

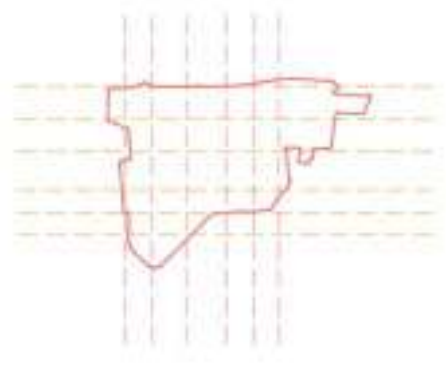


Fig.42 | Paralelismo e ortogonalidade

3 | Fragmentamos a área de intervenção através das funções que foram atribuídas aos diferentes quarteirões. Tal como podemos observar no esquema, à zona rosa foram atribuídas funções de comércio e habitação, à zona azul funções de equipamento e à zona a amarelo funções de serviço e indústria. Esta fragmentação de funções foi

importante na medida em que permite uma maior organização da área de intervenção, no entanto só foi possível através da demolição da atual indústria Sumol + Compal, resultando ao mesmo tempo num menor tráfego automóvel na Nacional 206.



Fig.43 | Funções

4 | Atribuímos ao equipamento mais significativo da área de intervenção (Centro de apoio social/oportunidades) um caráter de rotação relativamente ao edificado proposto que faz frente com a Nacional 206 (linha amarela) e o Agrupamento habitacional Soares da Costa. É possível observar que o edificado proposto segue a mesma linha de pensamento do Agrupamento Soares da Costa, encontrando-se paralelo e ortogonal à Nacional 206 (linha amarela), começando a sofrer determinadas rotações a partir do encontro com a via proposta (linha rosa) até atingir o paralelismo perfeito com a Rua Berlarmino Pereira já existente (linha azul).

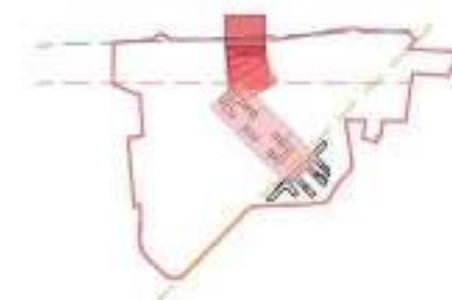


Fig.44 | Rotação

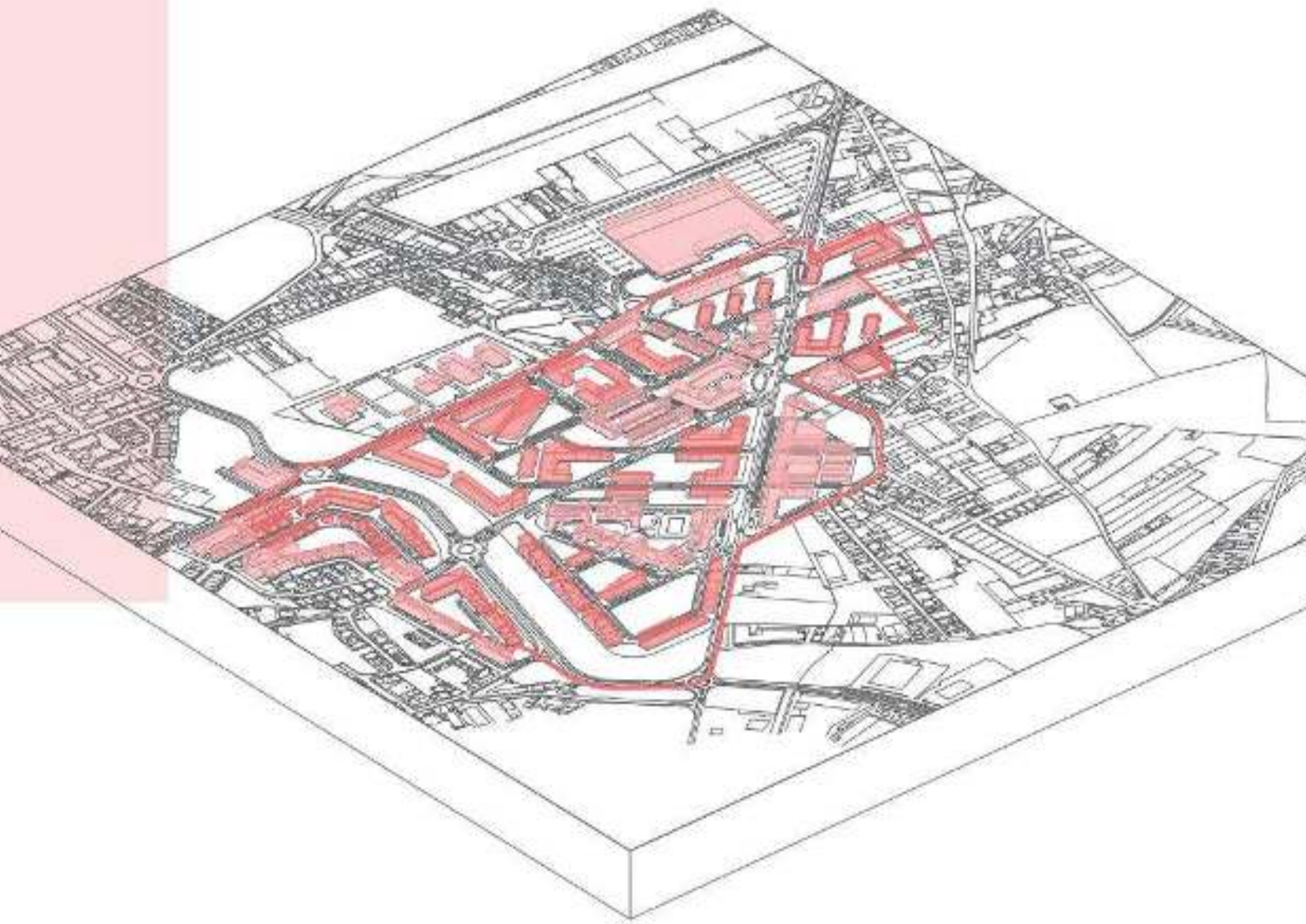


Fig.45 | Plano Urbano

6.10. | EQUIPAMENTO

PÚBLICO - ALVO

No Centro Comunitário serão acolhidos todos aqueles que necessitarem dos serviços para auxiliar a apoiar a sua permanência na cidade, através de assistência diária nas áreas da assistência social e de Direito. Terão também aulas de idiomas e de cursos profissionais, incluindo deste modo: Oficinas de artesanato, música, dança, etc. Para além de eventos, na qual a comunidade local será envolvida nas atividades desenvolvidas pelo Centro Comunitário, para auxiliar na integração e acolhimento, onde os próprios utilizadores também poderão lecionar no Centro e compartilhar os seus conhecimentos e culturas com os novatos.

JUSTIFICAÇÃO DA VOLUMETRIA

1 | Ao restringirmos o edifício apenas a um piso podemos observar que o quarteirão ficaria com uma maior massa de construção, o que acabava também por reduzir o espaço público de uso do equipamento.

2 | Optamos então pela elevação do segundo piso em relação ao plano térreo. Como podemos observar no esquema ilustrado acima obtemos através dessa elevação uma passagem através de todo o comprimento do equipamento.

3 | Deste modo, para além do espaço público no plano térreo atribuímos uma função de espaço exterior à cobertura do piso térreo do equipamento. Este espaço exterior não será de uso público, mas sim de uso restrito para os utilizadores do equipamento.

CONCEITO

A morfologia do edifício tem o propósito de demonstrar como o utilizador será acolhido e integrado na sociedade, com a estrutura completa para atingir este objetivo. Portanto, o conceito adotado para a conceção do projeto é a permeabilidade e a visibilidade, para que o edifício se manifeste de maneira aberta e ao mesmo tempo acolhedora, sem interrupções e barreiras físicas ou visuais, e o que reforce a ideia de liberdade e evidencie as funções exercidas na edificação e chame à atenção de forma a sensibilizar a população para este tipo de causas.

Com fáceis e livres acessos, o edifício também traz o conceito de igualdade para todos os públicos, o edifício torna-se um espaço que faz parte da cidade, com uma arquitetura universal e fluxos que passam através dele.

GEOMETRIZAÇÃO

1 | Atribuímos ao equipamento mais significativo da área de intervenção (Centro comunitário) um carácter de rotação relativamente ao edificado proposto que faz frente com a Nacional 206 (linha amarela) e o Agrupamento habitacional Soares da Costa. É possível observar que o edificado proposto segue a mesma linha de pensamento do Agrupamento Soares da Costa, encontrando-se paralelo e ortogonal à Nacional 206 (linha amarela), começando a sofrer determinadas rotações a partir do encontro com a via proposta (linha rosa) até atingir o paralelismo perfeito com a Rua Berlarmino Pereira já existente (linha azul).

2 | Através do esquema apresentado anteriormente é possível observar a relação de paralelismo (através das linhas a rosa) e de ortogonalidade (através das linhas a amarelo) em relação à Nacional 206. Foi então esta malha responsável pela organização principal do edifício.

3 | Por último verificamos que os diferentes compartimentos que constituem o interior do edifício são nada mais, nada menos, do que retas paralelas às diferentes fachadas, seguindo assim o ritmo tanto no exterior como no interior.

PROGRAMA

Como desenvolvimento do edifício proposto - Centro Comunitário, este, parte de um Hall no piso térreo, elemento agregador da proposta, que define o eixo dominante e que se articula com o restante programa e espaços funcionando como elemento de chegada, de reunião e de distribuição, através dos restantes espaços.

Tal como um espaço público deve ser, dá luz e vida, agrega chegadas e partidas, contempla as fases do dia e desperta para o percurso do edifício. Como um espaço aberto, convida a uma loja de artesanato, um centro de doações, um bar e ainda um espaço de refeições.

Neste mesmo eixo é distribuída a circulação dos indivíduos até ao piso superior, ou seja, o piso 1, que contém espaços educacionais, tais como, sala de música, sala de dança, Sala de corte e costura, ateliê de artesanato, Sala de informática, sala de professores, biblioteca e ainda duas salas de caráter livre. Daqui também é possível o acesso ao piso 2, ou seja, às zonas administrativas e de apoio ao utilizador, onde se prevê os diferentes consultórios e as salas de reuniões, salas administrativas, a sala de exposições, o auditório e ainda sala de convívio e de refeições para os funcionários.

No piso 3 temos as hortas comunitárias. No exterior e ainda no piso térreo contempla-se zonas verdes e de envolvimento para com o edifício, assim como estacionamento automóvel e de bicicletas coberto confrontante para com o mesmo.

EQUIPAMENTO – CENTRO COMUNITÁRIO

A edificação do Centro Comunitário tem uma diversidade de funções, tanto a nível externo como a nível interno. Essas diferentes necessidades permitem que o edifício e a envolvente sejam frequentados em diferentes horas do dia e da noite.

No edifício, no piso térreo priorizou-se o convívio social.

No piso 1 o setor educacional, sendo assim será o que terá mais fluxo dentro dos compartimentos.

No segundo piso funcionam os ambientes administrativos e de apoio ao utilizador. O terceiro piso é constituído pelas hortas comunitárias, servindo para convívio social e cultivo.



Fig.46 | Centro comunitário

CONCLUSÃO

Esta investigação visa atingir três objetivos importantes. O primeiro visa comprovar que a Arquitetura está efetivamente interligada à Cidade, sendo esta última essencial para o seu estudo e aprimoramento. O segundo objetivo relaciona-se com a Paisagem, sendo crucial compreender de que forma esta influência o quotidiano dos seus habitantes. Por fim, procura-se analisar a relação entre a Cidade e a Paisagem, explorando os diversos percursos evolutivos que percorreram até atingirem o estado atual. Partindo desta perspetiva, pretendemos demonstrar através de Argivai que as cidades podem ser muito mais do que simples centros económicos, sendo possível encontrar características fundamentais do meio rural nas áreas urbanas.

BIBLIOGRAFIA

ADAM, Roberto. (2008). Analisando o conceito de paisagem urbana de Gordon Cullen. Da Vinci, Curitiba. 2008.

CARVALHO, Ricardo (2004). João Luís Carrilho da Graça: a obra ao branco.

MILHEIRO, Ana Vaz; **FIGUEIRA**, Jorge; **BOTELHO**, Catraina e **PEDRO**, Tiago Luz (Eds.) - Arquitectos Portugueses Contemporâneos: obras comentadas e itinerários para a sua visita. Lisboa: Público.

CHÁ, David (2010). Casa da Música – Formal Strategies – Case of Studies. E.U.A.

DANTAS, Carlos (2007). A Transformação do Lugar na Arquitectura Contemporânea. F.A.U. – Universidade de Brasília. Brasil. p.125) (**DANTAS**, Carlos (2007). A Transformação do Lugar na Arquitectura Contemporânea. F.A.U. – Universidade de Brasília. Brasil.

DIAS, Manuel (2005). Os novos lugares podem ser. In **NEVES**, JOSÉ MANUEL DAS (Ed.) - DSDA Documentação e Arquivo Palácio de Belém: João Luís Carrilho da Graça. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

DOGLIO, Carlo. (1974). L'equivoco della città giardino. Crescita Política Editrice, Florença.

ENGELS, Friedrich. (1887) La questione delle abitazioni. Le Idee. Editori Riuniti.

ESPINOSA, Marcelo (2006). Substracción/Adición LA Casa da Música en Oporto. Caderno Urbano Nº5. Resistencia. Argentina.

FERNANDO, Pessoa. (2006). Autobiografia sem Factos. Assírio & Alvim, Lisboa.

FERRARA, Lucrecia. (2012) As mediações da paisagem. Líbero, São Paulo. 2012.

FORTUNA, Carlos. (2009) Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos. Edições Almeida, SA, Coimbra. 2009. 978-972-40-3924-4.

GOMES, Paulo (1991). Recompôr, transitar. Architécti: Revista de Arquitectura e Construção. (Mai/Jul. 1991)

GRAÇA, João; **BYRNE**, Gonçalo (1995) - Carrilho da Graça. Lisboa: Blau.

- HELLPACH, Willy.** (1952). *Mensch und Volk der Großstadt*. Ferdinand Enke. Stuttgart, 2ªed.
- LARA, Enver.** (2008) *Del viajero al turista: estética y política del paisaje urbano*. Desafios, Bogotá, Colombia. 2008.
- LEWIS, David.** (1962) *Complesso residenziale Park Hill a Sheffield. Un'esperienza rivoluzionaria*. Casabella-continuità, n°263.
- MARQUES, Tânia** (2013). *Os planos na arquitetura de João Carrilho da Graça: suspensão e abstração*. Universidade Lusíada. Lisboa.
- MATOS, Madalena** (1991). *Piscinas errantes*. *Architècti: Revista de Arquitectura e Construção*. (Mai/Jul. 1991)
- MENDES, Luís.** (2011). *Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado*. *Cadernos Metrópole*, volume 13, n°26.
- MENDES, Luís.** 2011. *Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado*. *Cad. Metrop., São Paulo, v.13, n°26*.
- MENDES, Tiago Simões Ranhada** (2013). *Propriedade Imaterial: Paradigmas arquitectónicos na procura de uma arquitectura sensitiva*. Universidade do Minho. Guimarães.
- MILIZA, Francesco.** (1813). *Principj di Architettura Civile*. Bassano. Dalla tipografia Giuseppe Remondini e Figili, Roma.
- MOREIRA, Cristiano.** 1994. *Reflexões sobre o método*. FAUP publicações.
- PESAVENN, Sandra Jatahy.** (2004). *Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto*. *Esboços*, revista do programa de pós-graduação em história da ufsc, n°11.
- RASMUSSEN, Steen Eiler** (1951) *Towns and Buildings Described in Drawings and Words*. University Press of Liverpool.
- ROSSI, Aldo.** (1966) *A Arquitetura da Cidade*. Martins Fontes, São Paulo. 2001. 85-33b-1401-2.
- WILLIAMS, Raymond.** (1973) *O campo e a cidade*. Editora Schwarcz Ltda, São Paulo. 1990.

WILLIAMS, Raymond. (2011). *O Campo e a Cidade, Na história e na literatura*. Schwarcz LTDA.

WEBGRAFIA

COUTO, Mia. 1955. *Citações*. [Consultado em 2022, fevereiro 8]

Disponível na internet em: <<https://www.citador.pt/frases/a-cidade-nao-e- apenas-um-espaco-fisico-mas-uma-fo-mia-couto-24183>>

RTP (1993) - *João Luís Carrilho da Graça: Magazine de Arquitectura e Decoração* [Em linha]. Lisboa: RTP. [Consult. 21 jul. 2016]. Disponível em RTP - Rádio e Televisão de Portugal)

Disponível na internet em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/joao-luis-carrilho-da-graca/>

WALCOTT, Derek. 1992. *Citações*. [Consultado em 2022, fevereiro 8]

Disponível na internet em: <<https://www.citador.pt/frases/uma-cultura-todos-o-sabemos-e-feita-pelas-suas-derek-walcott-21745>>



Margarida Frederico, 24 anos, natural de Fafe.
Desde cedo que a arquitetura fez parte da minha vida, através do meu pai, que me transmitiu esta grande paixão pela área. Tirar este curso, na Universidade Lusíada, em Vila Nova de Famalicão foi a realização de um sonho, que levarei para o resto da vida com muito orgulho.

